

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DÍJNA ANDRADE TORRES

**MULHER NAGÔ: LIDERANÇA FEMININA E AS RELAÇÕES DE GÊNERO E
PARENTESCO NO TERREIRO SANTA BÁRBARA VIRGEM, EM LARANJEIRAS**

Orientador: Prof. Dr. Hippolyte Brice Sogbossi

São Cristóvão (SE)

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DÍJNA ANDRADE TORRES

**MULHER NAGÔ: LIDERANÇA FEMININA E AS RELAÇÕES DE GÊNERO E
PARENTESCO NO TERREIRO SANTA BÁRBARA VIRGEM, EM LARANJEIRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada por:

Prof. Dr. Hippolyte Brice Sogbossi –Orientador
Prof. Dr. José Reginaldo Prandi – 1º Examinador
Prof. Dr. Ulisses Neves Rafael – 2º Examinador

São Cristóvão (SE)

2012

*Dedico este trabalho à Bárbara, Ciza, e a toda Irmandade
Nagô, que me acolheu e me proporcionou uma inesquecível
experiência de vida.*

AGRADECIMENTOS

Mergulhar fundo numa área desconhecida é um verdadeiro desafio. Dar o primeiro passo sempre foi fácil, mas para continuar a caminhada e encerrar ciclos é de fundamental importância a ajuda de muitas pessoas. Para esta etapa de minha vida, algumas pessoas merecem o meu mais sincero agradecimento, em especial, agradeço:

À minha mãe e aos meus tios e tias, por me encorajarem sempre a estudar muito e a seguir o meu caminho sem me importar com as críticas alheias, além do apoio financeiro à minha pesquisa.

A Brice, que foi muito além de um orientador para mim, mas um verdadeiro anjo da guarda, como eu costumo dizer. Um encorajador, amigo, confidente, que sempre acreditou em nossa pesquisa e soube conduzir muito bem todo esse processo.

À Beatriz Gois Dantas, grande pesquisadora sergipana, fonte de inspiração, que me ajudou e aconselhou desde o início de todo esse processo, abrindo as portas de sua casa e me recebendo com toda a humildade e carinho. Esse trabalho também é dedicado a ela.

A todos os professores do NPPCS, em especial ao Prof. Dr. Ulisses Neves Rafael e ao Prof. Dr. Frank Nilton Marcon, pelas valiosas considerações que ajudaram a aprimorar a minha pesquisa, e também aos funcionários do Núcleo, em especial a Beatriz e Jonathas, sempre preocupados em ajudar e resolver todos os nossos questionamentos.

Ao Prof. Dr. Reginaldo Prandi, pela disponibilidade em poder contribuir com este trabalho.

Aos meus colegas do NPPCS e NPPA, pelo apoio, carinho, amizade, e troca de conhecimento. Em especial, à minha parceira de pesquisa e orientação, Izabella, amiga querida que compartilhou comigo os louros e as angústias desse processo.

A Anderson, que sempre foi um incentivador dessa pesquisa, acreditando e muitas vezes abdicando de seu tempo para me ajudar.

A toda Irmandade Nagô, em especial aos meus entrevistados, sempre prestativos e dispostos a me receber.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa concedida ao longo dos dois anos de pesquisa.

A todos que indiretamente ou diretamente me ajudaram a elaborar e dar andamento à pesquisa. Meu sincero e profundo agradecimento. Muito Obrigada!

E kúnlè o, e kúnlè f'obìnrin o
E obìnrin l'ó bi wa, k'awa to d'enia
Ogbón àiyé t'obìnrin ni, e kúnlè f'obìnrin
E obìnrin l'o bí wa o, k'awa tó d'enia
 (BENISTE, 2001:61. cântico iorubá sobre as mulheres)

Vai marcando no ponto, pede dança,
O canto da mais bela iabá,
E quem quando começa não se cansa,
Mãe Bilina chamando sinhá,
No sisal, o trabalho, na trança,
Preto Velho no canavial,
Vem de longe a sua andança,
Os negreiros trouxeram do mar,
Herança do negro que fez a cabana,
O mel cabaú, da cana,
A fome e a sede africana,
Sergipana porque Deus mandou...
 (trecho da música *Herança*, do sergipano Kleber Melo)

RESUMO:

Constituído por aproximadamente cem filhos de santos, o terreiro Santa Bárbara Virgem, localizado no município de Laranjeiras, no estado de Sergipe, Brasil, foi fundado há mais de um século por africanos trazidos do Benin, Nigéria, e Togo, para trabalhar como escravos no cultivo de cana de açúcar nesta região. Os dois primeiros líderes ou Beg (denominação para pai de santo) do terreiro eram homens, e desde o falecimento de Ti Herculano (último Beg desta irmandade), o terreiro passou a ser liderado somente por mulheres, as Lôxas (denominação para mãe de santo). A partir disso, é importante destacar a perspectiva da importância da mulher em um terreiro Nagô, que chama a atenção para a realização de um estudo que aborde de maneira mais aprofundada o papel da mulher enquanto líder religiosa e familiar, além da análise da constituição desta liderança enquanto mantenedora de uma tradição secular. O papel da mulher e da liderança feminina na casa está vinculado também ao que os integrantes da família de santo denominam como pureza. A irmandade Nagô se autodenomina a única pura do Brasil, por manter as raízes africanas da mesma forma que foram trazidas até a atualidade. O objetivo deste trabalho é o de analisar a pureza como elemento que legitima o papel da mulher enquanto líder de terreiro, assim como legitima a Irmandade como guardiã de uma tradição trazida dos seus ancestrais africanos, e analisar as relações de gênero e parentesco que constituem e mantêm os papéis de liderança feminina da Irmandade. Para tanto, foi realizada pesquisa de campo, entrevistas abertas com a Lôxa Bárbara Cristina dos Santos, a Mãe pequena, Dona Ciza, o Patrão, José Maria de Jesus, entre outros integrantes da família de santo, com o intuito de observar e analisar a rotina ritualística da Irmandade e como se configura o papel da mulher e a utilização da pureza como um dos elementos que legitimam a importância da mulher nesta religião.

Palavras-chave: Nagô; Liderança feminina; Gênero; Parentesco.

Abstract

Composed by approximately one hundred sons of Saint, the terreiro Santa Bárbara Virgem, located in the city of Laranjeiras, in the state of Sergipe, Brazil, was founded for over a century by africans brought from Benin, Nigeria and Togo, to work as slaves in the cultivation of sugar cane in this region. The two first leaders or Beg (designation for father of Saint) were men and since the death of Ti Herculano (last Beg of the Brotherhood), the terreiro has become led only by women, the Lôxas (designation for mother of Saint). From this perspective, it's important to draft the importance of women in a terreiro Nagô, that draws the attention for the accomplishment of a study that approach more deeply the role of women as a religious and family leader, and an analysis of the constitution of this leadership as a supporter of a secular tradition. The role of women and female leadership in the house is also linked to what the family of Saint members calls as purity. The Brotherhood Nagô calls itself the only pure of Brazil, because they keep the african heritage in the same way it was brought until nowadays. The objective of this study is to analyze the purity as na element that legitimizes the role of women as leaders of this community, as well as legitimizes the Brotherhood as the guardian of a tradition brought from their african ancestors, and to analyze gender and kinship relations that constitute and maintain the roles of female leadership of the Brotherhood. For this purpose, field research was conducted, open interviews with the Lôxa Bárbara Cristina dos Santos, the Mãe Pequena, Dona Ciza, the Patrão, José Maria de Jesus, and others members of the family of Saint members, in order to observe and analyze the ritualistic routine of the Brotherhood and how the hole of women and the utilization of the purity as one of the elements that legitimize the importance of women in this religion is set.

Keywords: Nagô; Female Leadership; Gender; Kinship.

SUMÁRIO:

Introdução e Problema de pesquisa.....	09
Da definição do tema e do objeto de pesquisa.....	11
Metodologia e fontes.....	17
Capítulo I – O terreiro Santa Bárbara Virgem e sua origem.....	26
1.1 Folclore e religião.....	29
1.2 Taieiras e Nagô.....	37
1.3 A tradição e o grupo.....	42
Capítulo II – A mulher Nagô e as relações de parentesco e poder.....	45
2.1 Relações de poder no terreiro Santa Bárbara Virgem.....	47
2.2 Relações de parentesco no Nagô.....	55
Capítulo III – A religião e seus símbolos.....	61
3.1 Pureza e simbologia Nagô.....	65
3.2 Tradição Nagô.....	73
Considerações finais.....	78
Referências.....	81
Apêndices	
Anexos	

INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, os debates acerca da questão do gênero e do papel da mulher dentro das esferas sociais têm sido um ponto chave de diversas discussões dentro das Ciências Sociais. O estudo do gênero enquanto fator determinante das relações de poder traz um apanhado histórico com recortes do século XX até pesquisas recentes que têm avançado em relação aos conceitos e preconceitos acerca do papel da mulher e suas funções na sociedade pós-moderna.

O papel da mulher nas esferas de trabalho é um tema exaustivamente discutido, desde o surgimento da palavra ‘gênero’, a partir da sua classificação como categoria de análise socialmente imposta sobre um corpo sexuado, porém, erroneamente associada por vezes somente ao feminino (Scott, 1995:04) e dos movimentos feministas com seus primeiros atos apontados no século XIX com a luta pelo sufrágio feminino, movimentos estes que surgiram a partir das disputas femininas pela posição de igualdade. Na esfera religiosa, a mulher também ocupa seu espaço em papéis eminentemente importantes, especialmente em relação às religiões afro-brasileiras, cujas representações femininas dos orixás¹ são personagens fortes, imponentes e poderosas.

Em Sergipe, as religiões africanas têm seus espaços devidamente preenchidos no calendário cultural do estado, a exemplo do cortejo Afoxé Omo Oxum, organizado pelo terreiro de candomblé Abaça São Jorge², que acontece no dia 8 de dezembro, na Orla de Atalaia, há seis anos consecutivos, e teve, em 2010, sancionada a lei que inclui a manifestação no calendário cultural sergipano como forma de fortalecer o diálogo do sincretismo religioso existente neste evento, que homenageia Oxum, equiparada à Nossa Senhora da Conceição, no catolicismo.

Segundo Prandi (1996:14), desde a vinda das religiões africanas para o Brasil, elas estão sincretizadas com o catolicismo. Isso se deve ao fato de que, para que o negro escravo pudesse ter a identidade de brasileiro, ele deveria ser católico, e essa inserção do negro na sociedade brasileira exigiu uma identidade nacional que refletia o conjunto da sociedade católica em expansão naquele momento.

A partir de então, os orixás passaram a ser equiparados aos santos católicos como forma dos negros não perderem a sua identidade africana, mas ao mesmo tempo não perderem a identidade brasileira. Por isso, inicialmente, ao utilizar o conceito de sincretismo relacionado às religiões afro no Brasil, faz-se necessário mencionar essa relação sincrética já

¹Representação dos santos africanos.

²Denominação dada a um terreiro de origem angola no bairro América, em Aracaju.

existente na África. Uma vez que, segundo Bastide (1971:361), a evangelização dos negros foi iniciada na África, muito antes da chegada dos povos africanos ao Brasil. Inclusive, o autor ressalta que esse sincretismo entre o catolicismo e as religiões africanas existia antes mesmo do tráfico negreiro, e essa introdução do catolicismo às seitas africanas e a reinterpretação dessas seitas a partir disso pode ser explicada através das relações estruturais, culturais e sociológicas, que facilitaram essa aproximação religiosa. De modo semelhante, o autor também reforça a ideia de sincretismo já existente não só na África como também em outros países onde houve a diáspora, a exemplo de Cuba, Haiti e Ilha de Trindade.

Ao longo dos anos, o conceito de sincretismo foi se modificando a partir do contexto em que eram analisadas as relações intra e inter religiões afro-brasileiras, a exemplo da obra de Ferretti (1995), em que são discutidos diversos conceitos e a elaboração destes sobre o sincretismo religioso no Brasil. A sistematização do autor o levou a cinco tendências ou classificações (evolucionista, culturalista, princípio de cisão, mito da pureza africana e aspectos específicos) de sincretismo no Brasil, cada uma desenvolvida em épocas diferentes.

Para Ferretti (1995), o sincretismo nas religiões afro-brasileiras pode ocorrer de diversas formas e para definir o que é uma manifestação sincrética dentro destas religiões é necessário ser explicado qual é o sentido ou significado do sincretismo dentro deste contexto. Ou seja, no caso desta pesquisa, o sentido de manifestação sincrética está associado a dois significados destacados por Ferretti (1995:91) em sua pesquisa: o da mistura ou junção, em que elementos de religiões distintas podem ser incorporados ao processo ritual, a exemplo do batismo, no caso do terreiro Santa Bárbara Virgem, ou da convergência ou adaptação, na qual um elemento de determinada religião pode ser adaptado a outra, a exemplo da equiparação dos santos da Igreja católica aos Orixás.

Outro exemplo de manifestação sincrética em que a mulher é o foco e liderança do espaço é o terreiro Santa Bárbara Virgem, irmandade Nagô³ no município de Laranjeiras que, há mais de um século, fincou raízes na região do Baixo Cotinguiba e traz, desde aproximadamente 1910, mulheres no comando do terreiro. Por ser um local de predominância feminina nos papéis principais e também constituindo a maioria na família de santo, o terreiro Santa Bárbara Virgem chama a atenção por ter a supremacia feminina em seu espaço, elencada a uma série de elementos tradicionais africanos, como os ritos públicos e privados e

³Denominação genérica dada à nação de origem africana procedente do Daomé e da Nigéria.

a permissão somente de orixás nos rituais, elementos do catolicismo, a exemplo do batismo, que deve ser feito pelos integrantes do terreiro também na religião católica⁴.

DA DEFINIÇÃO DO TEMA E OBJETO DE PESQUISA

A escolha do estudo do gênero e parentesco dentro de um universo de elementos a ser explorados no campo pesquisado se deu pelo fato de a mulher ocupar um espaço predominante e hierarquicamente importante dentro da casa de culto estudada. Alguns elementos que traduzem essa liderança também merecem destaque para esta pesquisa, a exemplo da líder de terreiro permanecer pura e casta durante toda a vida, ou seja, ela deve permanecer virgem e não manter qualquer tipo de relação física e sexual, em oposição a outras casas de culto afro-brasileiro em Sergipe, onde os líderes do terreiro, sejam homens ou mulheres, não necessitam abdicar de uma vida marital pelo sacerdócio.

Além disso, nesta Irmandade não há a iniciação de filhos de santo por meio da reclusão no quarto (camarinha, como é denominado no candomblé), o que também difere da realização do processo de iniciação de muitas casas de culto afro-brasileiro no estado. Esses e outros elementos são explicitados ao longo do trabalho, também como forma de demonstrar a diferenciação desta casa de culto, das casas de culto de base religiosa do candomblé⁵.

A definição do que é Nagô e nagô também se faz necessária para esta pesquisa, uma vez que a primeira significa a nação africana e denominação dada a esta nação dentro da religião afro-brasileira para designar que este culto é proveniente dos povos da África Ocidental. Já o segundo é utilizado para designar um termo étnico ou a identidade dos filhos de santo que pertencem a essa nação, ou seja, o terreiro pesquisado é Nagô, porém o filho de santo da casa é nagô.

Dentro desta esfera religiosa, a mulher nagô representa um papel de liderança denominado pelo orixá da casa (ou orixá maior, como é denominado pela família de santo), uma vez que toda e qualquer ação que envolva o terreiro é determinada por este orixá, sendo a líder da casa um instrumento de transmissão das mensagens e demandas das tarefas resignadas pelo orixá, a serem designadas aos filhos de santo. Para tanto, a liderança feminina

⁴O batismo feito pelos integrantes de terreiro não é uma característica incomum nas religiões afro-brasileiras, ao contrário. De acordo com Silva (2005), o catolicismo era considerado a religião oficial do Brasil e quem professasse outra crença seria considerado herege ou inimigo do rei. Por isso, para que os africanos pudessem realizar seus rituais, era necessário serem batizados na Igreja católica.

⁵De acordo com Prandi (2004), o candomblé é uma denominação para a religião brasileira que cultua os orixás e outras divindades africanas que se constituiu na Bahia no século XIX. Em Sergipe, bem como em outros estados nordestinos, o termo Xangô também foi bastante utilizado para designar os cultos afro-brasileiros nos séculos XIX e XX, segundo Dantas (1988).

dentro do terreiro é questionável se analisada a relação com o sobrenatural que, nesse caso, é o orixá maior, em que a mulher, mesmo tendo ocupado o posto mais alto dentro da hierarquia da casa, deve obediência e renúncia ao orixá maior (como também a todos os orixás cultuados na casa) a partir do momento em que é escolhida para ser a dirigente deste terreiro.

Sobre o papel da mulher em nossa sociedade, Theodoro (1986:47) explica que ela é sempre posta em papéis paradoxais, visto que necessita incorporar elementos estereotipados, passando uma imagem positiva do homem e negativa de si mesma. Diferentemente deste contexto, dentro do contexto das religiões afro-brasileiras, a mulher ocupa um espaço e desenvolve um papel de extrema importância, que é o de ser a transmissora das tradições religiosas e culturais, responsáveis pela manutenção da linhagem e conservação da tradição, a exemplo das mulheres do terreiro Santa Bárbara Virgem.

O contexto histórico em que as religiões afro-brasileiras, especificamente o candomblé, foram inseridas, Bernardo (2005:10) retoma a questão da matrifocalidade negra a partir da Lei do Ventre Livre, que, segundo a autora, possibilitou que as mulheres conquistassem a sua autonomia, e constituíssem uma forma alternativa de família, seja das que eram constituídas na África, seja uma forma alternativa diferente do sistema patriarcal brasileiro, em que o homem é o chefe de família.

A Lei do Ventre-Livre, com o seu pecúlio, nada mais fez do que acentuar uma forma alternativa de família que tem suas origens na diáspora e desdobramentos na escravidão e no pós-abolição. Se na África as mulheres viviam com seus respectivos filhos em casas conjugadas à grande casa do esposo, num sistema poligínico, no Brasil rompeu esta relação, permanecendo a chefia da família com a mulher, florescendo a matrifocalidade. Essa forma alternativa de família está diretamente relacionada à autonomia feminina que veio sendo conquistada desde a África, onde as mulheres foram as principais responsáveis pela rede de mercados que interligavam todo o território iorubá, com experiência de excelentes comerciantes, atribuída também às mulheres bantas. (BERNARDO, 2005, p.10)

Em relação à família de santo do terreiro Santa Bárbara Virgem, do qual falaremos no capítulo I, a mulher nagô representa esse papel de liderança e de supremacia em relação ao gênero masculino não só por constituir maioria e por possuir determinadas funções na família de santo que a caracterizam como liderança, a exemplo das funções de Lôxa, mãe pequena, cozinheira, como também por ter a função de recrutar as famílias para participar da religião e suas obrigações, papel fundamental no quesito de manter a continuidade da tradição religiosa, e pelos fatores citados anteriormente e complementados por Bernardo (2003), na obra *Negras*,

mulheres e mães, lembranças de Olga do Alaketu, ao tratar a matrifocalidade como uma imposição do regime pós-abolição no Brasil, a marginalização do homem negro, e consequentemente a impossibilidade da criação de uma família cujo chefe seja o homem, uma vez que a família brasileira era patriarcal, e o papel da mulher dentro desta configuração difere do papel das mulheres negras e pobres daquela época.

Theodoro (1986:70) completa ainda que parte dessa herança matrifocal foi trazida também da África, uma vez que as mulheres não só tiveram destaque nos setores comerciais como também um lugar de destaque em suas famílias.

Nas religiões da África Negra e nos cultos afro brasileiros, a mulher ocupa um lugar destacado como doadora da vida, guardiã principal e transmissora das tradições religiosas e culturais, sendo o laço que liga o Sagrado com a vida biológica e espiritual, por ser a zeladora da matéria mítica que modelou o ori de cada pessoa (THEODORO, 1986, p.70)

Visto isso, em se tratando de gênero e, consequentemente, relações de poder, o papel secundário do homem neste espaço religioso não só como determinação dos orixás, na verdade, é também determinado pelo contexto histórico em que foram trazidas as religiões africanas para o Brasil e também pelas características de cada função hierárquica no terreiro. Da mesma forma que, em determinados terreiros, o homem jamais poderá cozinhar os alimentos para os orixás, a mulher também não pode tocar os tambores nos cultos. Cada função hierárquica no terreiro é definida através dos símbolos e da herança dos antepassados africanos passados para as gerações, além da determinação dos orixás.

Acrescentado a isso, dentro da configuração deste sistema religioso, a ancestralidade como categoria de extrema relevância no que tange à formação de uma família de santo tende a evidenciar e resgatar a presença e participação do negro na religião e se projeta no campo subjetivo das representações coletivas, consequentemente, projeta a herança africana e configura uma construção ideal de parentesco fictício (BRAGA, 1995:97-98).

Por essas razões, a perspectiva da importância da mulher em um terreiro Nagô, que traz consigo alguns elementos da Igreja Católica e do candomblé, chama a atenção para a realização de um estudo que aborde de maneira mais aprofundada o papel da mulher enquanto líder religiosa e familiar, o que aparenta ser um detalhe diante dos outros elementos simbólicos que o terreiro possui, porém que traz riqueza de dados e questionamentos acerca do papel da mulher enquanto mantenedora de uma tradição secular.

O objetivo deste trabalho é o de analisar como se constitui o papel da liderança feminina e as relações de parentesco e poder existentes entre essa liderança e os filhos de

santo do terreiro, e de que forma essas relações influenciam na configuração deste papel dentro do espaço religioso. Para isso, faz-se necessária a análise da configuração destas relações mantidas sob o escopo da tradição pelos integrantes da família de santo, e se essa configuração é o que mantém a religião.

Além disso, a observação e análise do ciclo ritual do terreiro Santa Bárbara Virgem, conhecido como festejo (oferta, abertura, corte do inhame, purificação, lavagem)⁶, é importante como fonte de registro da rotina do terreiro e da mulher dentro deste, analisando a questão hierárquica no terreiro, o papel das mulheres neste, e como elas se comportam diante das responsabilidades a elas atribuídas e por que elas assumem esses papéis dentro da religião, como também a observação *in loco* do comportamento e de toda a rotina da família de santo ao longo do calendário festivo da casa, como forma de coletar dados imprescindíveis para a conclusão desta pesquisa.

Portanto, a documentação dos elementos que compõem o aspecto tradicional e a questão da conduta feminina enquanto maioria constituinte do terreiro através da observação e entrevistas é importante com intuito de contribuir para o entendimento das relações de poder constituídas a partir das relações de gênero dentro de uma família de santo composta em sua maioria por mulheres, em que o homem possui papel secundário. O trabalho busca estabelecer um diálogo entre os conceitos de gênero, poder e relações de parentesco dentro do contexto religioso em que está inserido o terreiro, uma vez que dentro desta esfera essas relações estão atreladas entre si.

Neste sentido, o uso da palavra gênero não deve ser atribuído somente ao sexo, uma vez que as relações de gênero perpassam essa atribuição biológica das diferenças entre homens e mulheres (SCOTT, 1995:12). A questão do gênero está atrelada às relações de poder, instituídas culturalmente a partir de fatores biológicos, mas não determinados somente por estes. A dominação do masculino sobre o feminino é explicada pela obra de Pierre Bourdieu (1998) como fato presente no processo evolutivo histórico do ser humano. Para Bourdieu, a dominação do homem sobre a mulher é exercida por meio de uma violência simbólica, compartilhada inconscientemente entre dominador e dominado, que só pode ser percebida e compreendida se estivermos atentos aos efeitos que a ordem social exerce sobre essas pessoas.

⁶De acordo com a Lôxa Bárbara Cristina dos Santos, o ciclo ritual do terreiro representa parte das obrigações que a família de santo possui com a religião e a orientação dos orixás. O ciclo segue um calendário baseado na colheita e com as determinações do orixá maior da casa.

Além disso, o autor acrescenta que este papel é determinado à mulher, através da construção social das relações, porque é definido segundo os interesses masculinos e que desenvolve a denominada violência simbólica como um ato sutil, ocultando as relações de poder que compõem toda a estrutura social (BOURDIEU,1998:56). Dentro do contexto religioso, as configurações destas relações estabelecidas entre o gênero feminino e masculino remetem também à questão da etnicidade e preservação da tradição dos rituais e símbolos que compõem esse ambiente.

Segundo Cohen (1974), a etnicidade é um fenômeno e pode ser definida de diversas formas. Um grupo étnico pode ser definido como uma comunidade que partilha certos padrões de comportamento (formações simbólicas) e interage com outras coletividades. Em se tratando de etnicidade dentro de grupos religiosos afro-brasileiros, é importante salientar que a questão étnica perpassa a questão racial, em que somente os negros podem seguir o candomblé por serem descendentes africanos, portanto, a utilização de identidade negra não cabe nesta pesquisa, já que o denominador comum entre os filhos de santo não é a raça, e sim a padronização de um comportamento. Retomando Cohen (1974), o grupo étnico não pode ser definido pelas suas características biológicas em comum, mas sim pelos padrões normativos. Portanto, para seguir os preceitos religiosos do terreiro Santa Bárbara Virgem, a raça do iniciado e filho de santo não importa, e sim o seu comprometimento e dedicação dentro deste espaço.

Acrescentado à discussão acerca das relações de gênero e poder, a análise dessas relações entre a família de santo e as famílias biológicas dos integrantes do terreiro deve ser feita por meio de uma observação da postura das mulheres de terreiro enquanto líderes e também fora do espaço religioso, e o quanto esse papel de liderança influencia nas relações de trabalho e no ambiente doméstico, uma vez que a questão do parentesco tem forte expressão dentro dos espaços religiosos afro-brasileiros, como anteriormente citados.

Ao analisar o gênero e sexo de maneira generalizada, a partir da definição de padrões de comportamento para homens e mulheres, Mead (1988:301) sugere que a única solução para o problema da definição e estipulação de papéis sociais seria reconhecer a individualidade que ocorre nos dois sexos, ou seja, não se pode determinar funções específicas para cada sexo, pois é o indivíduo que pode desenvolver a habilidade específica que não deve ser predeterminada a partir do sexo. Porém, a predeterminação de funções a partir do sexo é claramente objetiva dentro da esfera religiosa, em que historicamente, ao contrário da esfera de trabalho, as mulheres possuem papéis de liderança e de grande

expressão, especificamente nas religiões afro-brasileiras, a exemplo do nagô, e esses papéis são bem definidos e alicerçados historicamente.

Por ser um tema que tem importância fundamental no universo do terreiro e do grupo folclórico, além da importância dada à mulher nas ciências humanas e no que tange à questão dos terreiros, como foi abordado por Landes (1967) numa pesquisa exaustiva sobre os terreiros brasileiros, essa pesquisa visa contribuir para o entendimento da importância da liderança feminina dentro de um terreiro e, como isso, reflete no modo de vida da família de santo do local, buscando também o entendimento dos elementos reconhecidos como imutáveis e tradicionais pelos integrantes do terreiro, e em que consistem tais constatações feitas por estes integrantes.

A realização da pesquisa é necessária para ampliar o estudo sobre a crença nagô no estado, registrar os dados coletados e documentados sobre essa rica manifestação e ritual que é tão pouco divulgado e registrado pelos pesquisadores sergipanos. Além disso, é necessária a ampliação dos estudos sobre o comportamento e papel da mulher nos terreiros de Laranjeiras, especificamente no terreiro de Santa Bárbara Virgem, em que o último estudo sobre este aconteceu há aproximadamente trinta anos e não trata de forma aprofundada a questão das mulheres no Nagô e os elementos que caracterizam aspectos tidos como tradicionais e únicos, que é o foco desse trabalho.

METODOLOGIA E FONTES

Por ser uma pesquisa baseada na compreensão da importância da herança religiosa que permanece viva em Sergipe e na importância do estudo do gênero dentro da religião, para que não haja distorção da realidade social do grupo e seja possível coletar os dados necessários para o desenvolvimento do trabalho, a pesquisa descritiva e a análise do discurso foram escolhidas como métodos que apresentaram eficácia no momento de discussão do problema de pesquisa através da análise dos dados coletados. A pesquisa descritiva em Sociologia visa descrever as características do que se estuda, seja uma população, um fenômeno ou relações. Para isso, a pesquisa descritiva é realizada a partir de técnicas como a coleta de dados através de questionários e observação.

A análise do discurso foi incorporada ao trabalho devido à importância dos relatos orais dos integrantes entrevistados do terreiro, a participação destes integrantes não como ponto de partida, mas como participação de um resultado que se dá através dos processos sócio históricos dos quais esses sujeitos fazem parte. Para isso, retoma-se o estudo e conceito de análise do discurso de Michel Pêcheux, que atribui à linguística certa importância, constituindo o discurso no nível da particularidade, sendo determinado pelos interesses das classes em questão. Sendo assim, o discurso constitui,

...uma parte de um mecanismo em funcionamento, isto é, como pertencente a um sistema de normas nem puramente individuais nem globalmente universais, mas que derivam da estrutura de uma ideologia política, correspondendo, pois, a um certo *lugar* no interior de uma formação social dada (PÊCHEUX, 1997 [1969], p. 76-7).

Neste sentido, para esta pesquisa, não cabe o aprofundamento do conceito de análise do discurso nem o aprofundamento do conceito de ideologia que está relacionado a essa forma de pensamento. A análise do discurso é uma das ferramentas utilizadas para entender, questionar e analisar os dados obtidos através dos personagens ou entrevistados para este trabalho e a relação desenvolvida entre a língua, ou relatos orais dos entrevistados e a observação do ciclo ritual e da rotina da família de santo, através da história oral e do discurso desses personagens.

Para tanto, alguns elementos da pesquisa etnográfica foram incorporados ao trabalho, a exemplo da coleta de dados realizada através de fontes diversas dentro de um mesmo universo, a investigação de uma história de um grupo, que não necessariamente precise de

diversas fontes, a coleta de dados não estruturada, ou seja, não há categorias pré-estabelecidas, e os dados são interpretados, voltados a uma análise descritiva e interpretativa de tudo aquilo que foi coletado em campo.

De acordo com Beaud & Weber (2007:119), a pesquisa etnográfica leva o pesquisador a fazer escolhas que independem da amostragem e, dentro do universo do terreiro, serão fundamentais as entrevistas somente com os papéis de liderança feminina da casa, quatro mulheres, e dois homens que representam papéis hierarquicamente importantes ou de relevância para a discussão acerca do papel da mulher no terreiro Santa Bárbara Virgem, uma vez que estas entrevistas serão aprofundadas sem a intenção de produzir dados quantitativos, mas sim qualitativos, já que uma mostra representativa, neste caso, define a importância de somente estes entrevistados para a pesquisa.

Segundo Malinowski (1978:101), em sua obra *Os Argonautas do Pacífico*, uma etnografia requer do pesquisador uma descrição nítida da constituição social, compreendendo a visão, regras e realidade do objeto de estudo. Complementando a ideia de Malinowski, o antropólogo e folclorista Arnold Van Gennep (1978:12), em *Os ritos de passagem*, afirma que é necessário que o pesquisador analise todas as fases de um ritual, ou seja, desde o processo de preparação (o antes), o ritual em si (o durante) e o que acontece ao final deste (o depois).

Para entender como funcionam os sistemas de relações do terreiro, é necessário partir da observação e análise da estrutura desse sistema de relações que constituem o espaço religioso. Ou seja, para analisar como se constitui o papel de liderança feminina dentro deste terreiro e como se constituem a rede de relações em que estão envolvidas essas mulheres, é fundamental analisar o comportamento feminino não só durante o ciclo ritual do terreiro, como também o comportamento de liderança feminina dentro da família de santo, da família biológica e de que forma esse comportamento também influencia na comunidade.

Para entender como se constroem esses papéis, especificamente no terreiro Santa Bárbara Virgem, é necessário buscar no conceito de identidade de Hall (2006:13), em que ele explica que a mesma é formada e transformada continuamente em relação às formas das representações nos sistemas culturais que nos rodeiam, o entendimento de como essa identidade religiosa feminina se constitui, já que o indivíduo assume vários papéis/identidades de acordo com as necessidades individuais e sociais. Assim, esse conceito é definido historicamente, podendo o sujeito assumir identidades diferentes em momentos distintos, sem necessariamente que essas sejam unificadas ou dependam umas das outras.

Retomando Hall (2006:21) para tratar sobre a identidade religiosa dentro deste espaço, de acordo com o autor, uma vez que ela muda de acordo com a forma como o sujeito é

interpelado ou representado, a identificação pode ser ganha ou perdida, ou seja, a identidade passou a ser politizada e, dessa forma, ao analisar o contexto religioso em que está inserido o candomblé e as religiões afro-brasileiras em geral, a religiosidade passa a ser constituída e representada a partir da política da 'diferença'.

A ideia de pureza para os terreiros de candomblé é vista como algo remetido ao que vem da África, principalmente aos cultos nagôs. Dantas (1987:122) remete à ideia de pureza as instituições culturais africanas que são reproduzidas de maneira fidedigna, tornando-se, dessa forma, uma resistência. Capone (2009:122), ao citar o trabalho de Dantas (1988) *Vovó Nagô e Papai Branco*, afirma que essa heterogeneidade existente no campo religioso faz com que a identidade religiosa seja constantemente negociada entre os atores sociais. Segundo a autora, o que constitui o cotidiano dos cultos afro-brasileiros é a forma “pura” – que representa mais um modelo ideal que uma realidade –, e a forma “misturada”, ou seja, essa oposição marca a diferença central entre as casas de culto de candomblé.

Essa “mistura” resultaria numa confusão, e é preciso manter a ordem geral do mundo expressa no esquema de classificação⁷. Mas nem sempre é possível impedir certas “misturas” indesejáveis que introduzem a desordem, e, neste caso, é necessário não só identificar os tipos de “misturas” portadoras de prejuízos, mas também determinar o lugar para o híbrido, aquele que confunde o esquema geral do mundo. É esta tarefa que se tem pela frente face aos que seriam os “africanos misturados” (DANTAS, p.121, 1988).

Para os integrantes do terreiro Santa Bárbara Virgem, o modelo de nagô puro é o que demarca a diferença entre eles e o “outro” anteriormente citado por Dantas (1987). Os que misturam outros elementos, os que a tradição original é incorporada a outros elementos são considerados deturpados. Ainda de acordo com Dantas (1987:124), essa ideia de pureza pode ser articulada com a ideia de poder, uma vez que dentro deste sistema religioso demarcar os tipos de terreiro como puro e misturado é também uma forma de marcar o espaço de cada um, buscando, assim, legitimidade e hegemonia dentro desta classificação de poder.

Antes de analisar as fases do ritual e a rotina do seu objeto de pesquisa, o pesquisador deve repensar o problema primeiramente apontado, afinal, como em qualquer trabalho de campo, os problemas podem ser revistos e redescobertos de outra forma, por isso a pesquisa seguiu a etapa de Revisão Bibliográfica. Para relacionar a empiria ao escopo teórico, buscou-se no problema de pesquisa, que consiste em como se estabelece o papel de liderança

⁷Esquema desenvolvido pela autora em que a família de santo do terreiro Santa Bárbara Virgem designa o Nagô e o Catolicismo como os que fazem o bem, e o Malê e Toré, como os que praticam o mal.

feminina e a construção social deste papel dentro do espaço religioso a partir da tradição e herança religiosa, como a liderança feminina dentro deste universo pode se constituir para a manutenção dessa tradição e ‘pureza’ desta casa de santo, e se este perfil constitui de fato a forma ideal para o funcionamento e continuidade desta casa.

Para isso, buscou-se nos conceitos de gênero, poder, etnicidade e parentesco, elencados aos dados empíricos, a resposta para a construção social deste papel enquanto formato ideal da continuidade de uma tradição, uma vez que dentro deste espaço religioso essas relações estão intrinsecamente interligadas e esses conceitos são necessários para ajudar a solucionar o dito problema.

Para entender o comportamento dessas lideranças femininas e o que elas entendem sobre a importância deste papel dentro deste universo religioso, buscou-se analisar os dados coletados a partir do conceito de gênero de Scott (1995), anteriormente citado, elencado aos estudos sobre a mulher nas religiões afro-brasileiras, que trazem contribuições valiosas a partir dos relatos e dados coletados, a exemplo do estudo de Joaquim (2001), que apresenta resultados acerca da configuração familiar no Brasil e na África, trazendo um comparativo entre a constituição dessas famílias e do papel feminino designado em cada uma delas. Vale ressaltar que este estudo comparativo é importante para o trabalho, já que a Irmandade Nagô se considera pura por manter as raízes africanas e a mesma configuração desde a vinda da religião para o Brasil.

A utilização do conceito de *candomblé* também é fundamental para a pesquisa, visto que, de acordo com Lima (2003:17), o *candomblé* é uma denominação *para designar os grupos religiosos que são caracterizados por um sistema de crenças em divindades chamadas de santos ou orixás e associados ao fenômeno da possessão ou transe místico*. Silva (2005:65) complementa que essa denominação é dada aos cultos afro-brasileiros que englobavam grande variedade de cerimônias misturando elementos africanos, como os atabaques, adivinhação, transe etc. Segundo Prandi (1996), os sudaneses e bantos foram as duas matrizes africanas básicas que tiveram seu papel decisivo na formação das religiões afro-brasileiras. Cada tradição com seus princípios fundamentais bem definidos e em comum, porém cada um com a sua multiplicidade de variantes que definiram cada linhagem em sua formação.

Dos povos sudaneses, os que falavam a língua iorubá deixaram a herança predominante para essas religiões afro-brasileiras, a exemplo do panteão nagô. Para Bastide (1971), o prestígio do nagô impôs-se pelo fato de conservar com maior fidelidade a religião ancestral e esse é um dos motivos pelos quais as casas religiosas de denominação Nagô têm

uma relação direta com a questão da pureza e tradição, pelo fato de eles manterem determinados costumes e tradições “íntactas” (para a família de santo nagô, tradições íntactas são aquelas que não foram modificadas ao longo do tempo) desde a vinda deste panteão da África para o Brasil.

Silva (2005) afirma que a o rito Nagô é conhecido por afirmar manter a tradição vinda da África, ou seja,

Segundo seus praticantes, é considerado mais puro ou superior aos demais porque nele foram preservadas, com maior fidelidade, as origens africanas. A noção de ‘pureza’ e ‘deturpação’ no candomblé é assunto bastante polêmico, e a ideia da ‘superioridade nagô’, difundida inclusive pelos principais estudiosos das religiões afro-brasileiras, tem sido atualmente bastante criticada e revista (SILVA, 2005, p. 65)

Com isso, a noção de pureza dentro do terreiro Santa Bárbara Virgem também merece ser abordada, uma vez que esta é a principal característica apontada pelos seus participantes que, segundo eles, difere o nagô puro do nagô do candomblé. Para tratar da pureza na religião nagô, é fundamental retomar os estudos de Dantas (1988), que já explica essa questão especificamente neste terreiro, mas numa época distinta. A questão da pureza no terreiro Santa Bárbara Virgem ganha relevância, pois é importante entender como essa “pureza” denominada pelos integrantes do terreiro influencia no recrutamento de filhos de santo e se esse elemento pode ser caracterizado como componente da estrutura de poder e prestígio do terreiro.

Em seguida, desde o segundo semestre do primeiro ano de pesquisa, foi realizado o trabalho de campo e observação, que consiste na visita às festas e rituais do terreiro, que podem ser abertas ao público, e visita às três casas de santo que compõem o terreiro para a observação da rotina da família de santo fora das festas e, a partir disso, foi desenvolvida a pesquisa descritiva, de forma que o pesquisador não interferisse na convivência e costumes do grupo, somente participando como observador da rotina do terreiro, percebendo atentamente como funciona o trabalho, para que serve cada elemento, dando prosseguimento às entrevistas e questionamentos.

Ou seja, de acordo com Rudio (1986:71), na pesquisa descritiva, o pesquisador está interessado em conhecer *a natureza do fenômeno, sua composição, processos que o constituem ou nele se realizam*, para que o pesquisador consiga classificar, descrever e interpretar a realidade do ambiente em que está inserido, portanto, ele não pode interferir neste ambiente. A pesquisa descritiva associada aos procedimentos etnográficos facilita o

acesso a dados que não podem ser obtidos tão facilmente quando a entrevista é direta (THIOLLENT, 1980). Além disso, é necessário estabelecer uma linha de comunicação entre religião e folclore, já que há uma ligação entre o terreiro Santa Bárbara Virgem e as *Taieiras*⁸.

Com a observação, faz-se necessária a elaboração de entrevistas abertas, procedimento adotado devido à restrição de entrevistas, para que o trabalho possua densidade e identifique os elementos que caracterizam o papel de liderança feminina e a influência deste nas relações biológica e religiosa desta liderança. Todas as entrevistas realizadas foram devidamente gravadas para facilitar a obtenção das informações com mais precisão, e comprovadamente.

As entrevistas foram realizadas com a Lôxa Bárbara Cristina dos Santos, a IyaKekerê da casa, Ciza, o patrão e Ogan, José Maria de Jesus, a Omadê Karla Adrielly Silva dos Santos, e os filhos de santo Reverton Lima Cardoso e Deolinda Maria de Jesus. A escolha dos personagens deu-se pelo cargo exercido, e frequência na participação do ciclo ritual e procedimentos da casa. Os quatro primeiros entrevistados possuem cargo hierárquico importante dentro da constituição da família de santo e os dois últimos são filhos de santo que estão presentes em todos os rituais Nagô, mesmo quando não há a obrigatoriedade dos filhos de santo sem cargo participar. Portanto, são pessoas que acompanham os rituais e conhecem a rotina do terreiro, o que facilita a obtenção de dados empíricos sobre o funcionamento e constituição da casa e da família de santo.

Outro aspecto metodológico de grande importância para o trabalho tem sido a utilização de recursos de som e imagem através de fotografias e vídeos para documentar as partes do ciclo ritual, imagem do ambiente, participantes e criação de um banco de imagens para pesquisa. Esse aspecto ajudou na análise dos resultados obtidos através das informações pesquisadas ao longo de todo o processo de produção do trabalho e elaboração da dissertação.

Para este trabalho, é importante ilustrar a perspectiva dos participantes do grupo analisado acerca do tema de estudo. Por isso, grande parte do trabalho está sendo feita *in locopara* que o pesquisador observe atentamente e entenda a realidade e os costumes do grupo, além de participar de eventos que estejam relacionados ao grupo de alguma forma, a exemplo da reinauguração de uma das casas de santo, a casa de Ti Herculano⁹, em 08 de abril de 2011 e que representou para o terreiro e a comunidade presente, a demonstração de respeito de órgãos institucionais, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

⁸ Grupo folclórico em que predominam as mulheres e virgens, e é vinculado ao terreiro Santa Bárbara Virgem e à religião Nagô. As Taieiras levam em suas vestes as cores que representam Santa Bárbara, ou Iansã (orixá que a representa no Nagô), o vermelho e branco, entoam cantos que vão do sagrado ao profano e realizam a coroação de sua rainha na Igreja Católica São Benedito, em Laranjeiras.

⁹Beg (denominação para pai de santo), que fincou as raízes Nagô em Laranjeiras.

Nacional em Sergipe, que providenciou a reforma da casa, e uma exposição sobre toda a trajetória Nagô em Laranjeiras.

A dissertação é dividida em três capítulos que objetivam apresentar o posicionamento religioso da mulher do terreiro dentro da esfera do município de Laranjeiras, no estado de Sergipe, onde estão localizadas as três casas de santo que compõem o terreiro Santa Bárbara Virgem. Além disso, os capítulos visam também analisar a importância da liderança e maioria constituinte feminina no terreiro como forma de manter o que o grupo chama de tradição e pureza, através da análise das relações de parentesco e gênero presentes na família de santo deste local, relacionando os dados empíricos obtidos através da pesquisa de campo e entrevistas ao referencial teórico sobre os temas apresentados.

Aplicando o método à pesquisa, no capítulo I, intitulado de “O terreiro Santa Bárbara Virgem e sua origem”, é abordado um breve histórico da cidade de Laranjeiras, denominada como berço da cultura sergipana por pesquisadores e veículos de comunicação locais, incluindo breves comentários sobre a vinda involuntária dos negros africanos para Sergipe, especificamente para a região do Baixo Cotinguiba, onde se localiza o município de Laranjeiras. A história do terreiro Santa Bárbara Virgem é apresentada como forma de situar a pesquisa dentro do contexto em que o terreiro se encontra atualmente, apresentando também ao leitor parte da trajetória do objeto de pesquisa com o intuito de retomar elementos importantes para fazer comparações acerca das mudanças ocorridas no passado e presente, especialmente nos elementos que tangem a preservação da tradição dos cultos religiosos da casa.

Para isso, buscou-se o histórico através dos depoimentos da atual Lôxa¹⁰, Bárbara Cristina dos Santos, e a Iaquerê, Maria do Espírito Santo¹¹, além dos depoimentos colhidos pela professora Beatriz Góis Dantas há aproximadamente três décadas e retratados em sua obra *Vovó Nagô e Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil*, que é a principal referência sobre o terreiro Santa Bárbara Virgem já registrada no país e que está sendo amplamente utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, e informações da obra *História de Sergipe a partir de 1820*, da historiadora sergipana Maria Thétis Nunes, que traz recortes importantes do período do surgimento e apogeu de Laranjeiras. Além de informações da Prefeitura Municipal de Laranjeiras, que também forneceu dados importantes para a elaboração deste capítulo.

¹⁰ Denominação para mãe de santo, a líder do terreiro Nagô.

¹¹ Denominação para mãe pequena, ou seja, aquela que cuida da Lôxa e da casa dos santos.

O capítulo II, intitulado de “A mulher nagô e suas relações de parentesco” aborda aspectos gerais sobre as relações de gênero e parentesco que permeiam o terreiro Santa Bárbara Virgem. O foco deste capítulo é a análise do papel da mulher enquanto líder de terreiro e maioria constituinte deste, e como esse papel é desenvolvido dentro desta rede de relações de parentesco e poder em que está envolvido o terreiro. Para isso, autoras como Scott (1990), Landes (1967), Joaquim (2001) serão utilizadas com o intuito de relacionar o conceito de gênero, intrinsecamente ligado às relações de poder, para a análise e explicação da conduta feminina dentro da casa.

Além disso, é importante destacar a influência das relações de parentesco dentro deste contexto, uma vez que os filhos de santo deste terreiro são de famílias afins em sua maioria, e a mulher enquanto maioria constituinte e figura de liderança dentro deste possui um papel importante no sentido de recrutamento dos familiares para a participação na religião. Para relacionar os dados obtidos com a fundamentação teórica acerca do tema, é necessário recorrer a Lévi-Strauss (1976), para discutir os papéis designados pelos entes familiares no âmbito religioso e a posição da mulher dentro deste espaço, analisando como estas relações são instituídas e perpetuadas neste contexto. Neste capítulo, é necessário retomar a pesquisa de Dantas (1988) e aplicar os dados obtidos nas entrevistas com mulheres e homens do terreiro com o intuito de analisar o papel da mulher enquanto líder de terreiro e suas relações com o grupo a partir das observações e depoimentos colhidos durante as entrevistas realizadas ao longo da elaboração da dissertação.

Encadeado a isso, é fundamental recorrer a autores como Bastide (1989), Birman (1995) e Lima (2003), que trazem experiências nos terreiros de candomblé e umbanda de alguns lugares do país e, especificamente na obra de Joaquim (2001), a questão da mulher enquanto líder e ser hierarquicamente superior dentro da família de santo, como também a obra de Bernardo (2003), sobre Olga de Alaketu, uma falecida mãe de santo baiana muito respeitada e antiga líder de um dos terreiros de candomblé mais tradicionais e antigos do país, que ajudaram a desmistificar dados, resultados, dando maior clareza e entendimento ao aplicar tais experiências e resultados à questão da mulher no terreiro Santa Bárbara Virgem.

Após a discussão acerca da questão da mulher na religião africana, outro aspecto importante deste terreiro Nagô é a questão da tradição e pureza, elementos que possuem valores e conceitos distintos entre os grupos, e também entre os autores das Ciências Sociais. O foco neste ponto é na interpretação e contextualização do que significa a pureza e a tradição para os integrantes do terreiro Santa Bárbara Virgem, uma vez que a Irmandade se distingue das outras religiões africanas como a única que é Nagô puro no país, afirmativa esta que

merece destaque e discussão nesta pesquisa, pois a questão da pureza não só afeta a configuração do grupo como também está ligada à questão do gênero.

Para abordar o conceito de pureza no terreiro, recorreu-se a Eliade (1996), Turner (1974) e Douglas (1976), obras que apresentam elementos que discutem pureza e a tradição, cujas definições foram utilizadas para discutir o significado de pureza e tradição conceituado e apresentado pelos integrantes do terreiro Nagô, que apesar de manter as tradições vindas da África, trabalha com elementos da Igreja Católica dentro do terreiro, a exemplo do batismo, elemento do catolicismo e pré-requisito para ser iniciado na religião Nagô.

Além disso, a discussão acerca das relações de parentesco que se estabelecem juntamente com o vínculo à religião também configuram um contexto importante para a análise da questão do gênero dentro da religião, especificamente dentro do terreiro Santa Bárbara Virgem.

Por fim, a discussão acerca da liderança feminina permitida pelo orixá de casa durante algumas décadas também é um ponto de análise e questionamentos que o trabalho pretende avançar, uma vez que, desde a morte de um dos fundadores do terreiro e antigo Beg da religião, somente mulheres assumem as posições de liderança. É necessário apresentar as mudanças, motivo pelo qual a mulher é a escolhida, e no que essa escolha influencia na religião Nagô e, em geral, no cenário religioso local.

Capítulo I - O terreiro Santa Bárbara Virgem e sua origem

Situado a 18 quilômetros da capital sergipana, Aracaju, o município de Laranjeiras, foi elevado à condição de cidade pela lei provincial nº 209, de cinco de maio de 1848. A cidade, às margens do Rio Cotinguiba, já foi uma das mais importantes regiões do estado em termos de comércio, agricultura e pecuária, tendo ainda destaque para as diversas manifestações folclóricas e culturais que atualmente ainda resistem às adversidades do tempo.

De acordo com informações da Prefeitura Municipal de Laranjeiras¹², a história do município nasceu pouco depois do surgimento das primeiras cidades do Brasil. Entre os séculos XVI e XVII, houve em Sergipe a distribuição das terras da região do Vale do Cotinguiba, dando resultado às povoações da Manilha e do Bom Jesus. Por ser uma região de terras férteis e propícias para o cultivo da cana de açúcar, a construção de engenhos e o crescimento do número destes marcou o município como grande polo de comércio e agricultura no século XVIII.

A movimentação pelo Rio Cotinguiba era intensa por causa das grandes plantações de cana de açúcar, que durante muitos anos representaram o apogeu econômico na região Nordeste e, conseqüentemente, a principal fonte de renda do município de Laranjeiras. A partir disso, o comércio passou a ganhar espaço, principalmente no que se refere à grande comercialização de escravos que trabalhavam nos canaviais e grandes engenhos localizados na região. A vinda dos escravos africanos trouxe para Laranjeiras os costumes de um povo que, deslocado de sua terra natal, lutava para manter viva a sua cultura, uma herança que contribuiu, segundo a prefeitura e população, para transformar a cidade no berço da cultura negra em Sergipe.

De acordo com a pesquisadora e historiadora sergipana Maria Thétis Nunes, em sua obra História de Sergipe (1978), Laranjeiras foi, no século XIX, uma das mais importantes cidades do estado. Esta importância que refletia nas grandes produções agrícolas e comerciais fez com que a cidade chegasse a ser cogitada para ser a capital do estado, por conta da sua localização privilegiada, propiciando destaque ao município durante o período açucareiro, quando a cidade viveu seu apogeu econômico e cultural.

¹²Fonte: www.laranjeiras.se.gov.br/historia.asp Pesquisado em 15 de março de 2011. A pesquisa foi realizada através do site, após a procura pelos gestores do secretariado de Laranjeiras para obter informações sobre a cidade, que disseram estarem no site todas as informações necessárias à entrevista. Nenhuma obra de leitura foi indicada e os gestores não souberam informar sobre a pesquisa populacional do IBGE realizada no município.

A arquitetura colonial de Laranjeiras também é um dos destaques visuais da cidade (embora boa parte esteja atualmente em más condições de conservação). Ruas, casarões e igrejas ainda são mantidos como forma de resgatar os tempos de glória de um dos municípios mais antigos de Sergipe. Atualmente, sua população e o poder público desenvolvem uma campanha de valorização da cultura negra no município, que é considerado o berço da cultura negra, pela diversidade e quantidade de manifestações folclóricas, e até mesmo religiosas que, em sua maioria estão vivas há mais de um século.

A importância de suas obras, que trazem as marcas da história em suas paredes e edificações, recebeu, em 1996, o título de Patrimônio Histórico Nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), destacando-se desde o século passado no cenário cultural brasileiro devido à expressividade de sua cultura popular, com as suas mais de 30 representativas manifestações folclóricas e religiosas.

Estas manifestações culturais ganham, há 36 anos, espaço garantido no Encontro Cultural de Laranjeiras, evento que foi criado a partir de uma quermesse¹³ a fim de angariar fundos para a população e se transformou em um dos mais importantes eventos culturais do país pela quantidade de manifestações que desfilam pelas ruas da cidade e pela realização de um seminário para discussão de políticas públicas na área da cultura, que agrega estudiosos e pesquisadores de várias partes do Brasil e do mundo.

A cidade, que já teve como apelido ‘a Atenas sergipana’, realiza o Encontro Cultural no primeiro mês do ano, sempre na semana em que acontece a Festa de Reis (dia 6 de janeiro), evento típico do calendário católico, mas que é de extrema importância para a realização da coroação da rainha das Taieiras, grupo folclórico formado por virgens e vinculado ao terreiro Santa Bárbara Virgem, casa Nagô em Laranjeiras. A realização dessa coroação é tão importante para o Encontro que este teve a sua data ajustada¹⁴ para que a celebração ocorresse dentro do evento.

O Encontro, que teve suas primeiras edições realizadas em maio é realizado em janeiro há mais de trinta devido a esta coroação, uma celebração que acontece no domingo de Reis pela manhã, após o cumprimento de um processo ritual realizado ao longo do percurso entre o

¹³ De acordo com o dicionário de língua portuguesa Aurélio Buarque de Hollanda, *quermesse* é uma denominação usada para designar uma festa popular, normalmente beneficente, ligada a alguma causa e/ou religião realizada ao ar livre em bairros, pequenas comunidades ou cidades interioranas.

¹⁴ Inicialmente o Encontro era realizado no mês de maio, porém a realização da coroação da Rainha das Taieiras modificou a data do evento para que o público participante pudesse acompanhar essa cerimônia tão peculiar que acontece na cidade.

terreiro Santa Bárbara Virgem (casa da Lôxa) e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, localizada numa espécie de colina da cidade.

A Igreja onde é realizada a coroação não foi escolhida aleatoriamente. O local que leva os nomes de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário (santo negro e padroeira dos escravos que lutavam pela sua libertação, respectivamente), é uma forma de celebrar uma passagem importante para um grupo que é constituído em sua maioria de mulheres e crianças negras. E apesar de o grupo ser vinculado ao terreiro Nagô, a realização desta coroação dentro da Igreja católica é um exemplo do sincretismo religioso e respeito da população pelas raízes africanas que existem no município, uma vez que não só a coroação da rainha é feita dentro de uma Igreja como também é realizada pelo padre da catequese, que dá a sua benção à rainha e às demais integrantes do grupo.

Durante toda a cerimônia de coroação, o grupo permanece dentro da Igreja e ocupa um lugar privilegiado junto ao altar para que os ritos sagrados sejam entoados diante da Rainha a ser coroada e das imagens dos santos. Cada elemento e passagem realizada pelo grupo desde a saída da casa e acompanhamento da Chegança Almirante Tamandaré¹⁵ possui um significado simbólico, uma vez que, de acordo com Turner (2008:49), o símbolo é uma força independente em si mesma, e não pode ser classificado somente como as coisas materializadas, os símbolos dentro de um ritual também podem ser representados através de cânticos, gestos e ritos específicos dentro do processo total, a exemplo dos cânticos das Taieiras, divididos em sagrados e profanos, e entoados em locais e horários determinados e adequados ao processo ritual do grupo.

Essa relação com a Igreja Católica que perpassa os cultos religiosos e folclóricos deste grupo é uma forma de manter o que os integrantes consideram como tradição. Ou seja, a imposição do catolicismo empregada ao longo do período escravocrata no Brasil, acabou incorporando elementos desta religião aos cultos afro-brasileiros como uma forma de fortalecer ou estabelecer uma identidade brasileira a esses cultos. Haja vista o passado histórico dessas religiões no Brasil, e a incorporação desses elementos como forma de evitar a marginalização desses cultos, uma vez que, a religião católica predominava, e predomina no país como a que possui o maior número de adeptos e praticantes, de acordo com pesquisas recentes do IBGE acerca da orientação religiosa dos brasileiros. Dessa forma, essa relação imposta no passado, aos olhos dos praticantes dos cultos, especificamente aos praticantes do

¹⁵Grupo folclórico que faz alusão aos marinheiros e marujos.

Nagô Santa Bárbara Virgem, é uma maneira de legitimar a pureza e tradição desse culto africano no país.

1.1 Folclore e religião

Em cada manifestação folclórica há lendas, história e tradições que são retratadas através das danças, cantos, vestes, rezas etc. Em Sergipe, tais manifestações são verdadeiras riquezas culturais, a exemplo do *Lambe-Sujo*, da cidade de Laranjeiras, *Parafusos*, da cidade de Lagarto, e *Taieiras*, também de Laranjeiras¹⁶. Estes e outros grupos sergipanos retratam a cultura afro e estão ligados principalmente às questões religiosas e/ou étnicas.

Para tratar de etnicidade, religião e folclore no Estado de Sergipe, não há lugar melhor para pesquisa que o município de Laranjeiras. Por ter sido um imenso canavial num passado distante, os portugueses construíram muitos engenhos na região onde hoje é situada a cidade, trazendo, conseqüentemente, muitos escravos negros para trabalhar na produção de cana de açúcar. Com isso, os negros construíram seus quilombos no local, e hoje constituem mais de 80% da população da cidade, de acordo com pesquisas locais.

Dentre a vasta quantidade de grupos folclóricos vinculados às questões étnica e religiosa, há um grupo de crianças, adolescentes e idosos que chama a atenção da população e dos pesquisadores desta linha, as *Taieiras*. Segundo Fernandes (1979), o folclore é uma manifestação de padrões costumeiros de comportamento, que tem uma relação concreta com a conduta individual, ou seja, o folclore funciona como uma *fonte de estereótipos que fornecem juízos de valor aos indivíduos, regrando a sua conduta social*, as representações de valores já são conhecidas pelos indivíduos antes de eles manterem contato direto com essas formas.

Partindo disso, as *Taieiras*, grupo folclórico que mantém os costumes, ou a prática habitual de realizar suas apresentações sempre com a mesma configuração, seja de vestes, músicas ou datas, também representa uma fonte de estereótipos que está intrinsecamente ligada a uma manifestação religiosa. O grupo, cujo nome é proveniente das mulheres que carregavam água em talhas¹⁷, é uma manifestação folclórica formada em sua maioria por

¹⁶Existem quatro grupos de *Taieiras* no estado além do grupo de Laranjeiras, porém este é o único que mantém as raízes tradicionais e tem o vínculo forte com a religião.

¹⁷As talhas eram objetos de barro utilizados para carregar água. A princípio eram chamadas de “Talheiras”.

mulheres virgens (as dançarinas e líder do grupo) que entoam cantos sagrados e profanos, e que tem uma ligação direta com o terreiro Santa Bárbara Virgem.

Este terreiro é caracterizado pelos seus integrantes como religião Nagô¹⁸, crença que veio da África e é voltada à devoção dos orixás da Costa, apresentando como líder da casa ou um *Begou* uma *Lôxa*. As *Taieiras* foram incorporadas ao terreiro quando Umbelina de Araújo, primeira mulher líder do Nagô em Laranjeiras, assumiu o comando do grupo e do terreiro Santa Bárbara Virgem.

Portanto, de acordo com relatos de integrantes do grupo folclórico, o grupo das *Taieiras* não é uma manifestação que nasceu do Nagô, mas algumas características da religião foram incorporadas a ele, tornando expresso o vínculo das integrantes do grupo ao terreiro, características essas que estão visivelmente estampadas nas cores que compõem as vestes das dançarinas: blusas e saias das cores vermelho e branco, respectivamente (que representam, segundo os integrantes, as cores de Santa Bárbara ou Iansã), e cada fitilho colorido que compõe a roupa das dançarinas representa a cor de um orixá cultuado no terreiro. Inclusive, foi observado e constatado que todos os integrantes que fazem parte das *Taieiras* participam também da Irmandade Santa Bárbara Virgem.

De acordo com Maria do Espírito Santo¹⁹, conhecida como Dona Ciza, o terreiro Santa Bárbara Virgem é o único do Brasil que é Nagô puro, ou seja, preserva as raízes culturais africanas, no sentido de que não há uma mistura de raízes como em alguns terreiros que misturam o Nagô com o Candomblé, a exemplo do terreiro ‘Filhos de Obá’, também situado na cidade de Laranjeiras. Inicialmente ‘Filhos de Obá’ era vinculado ao terreiro Santa Bárbara Virgem, porém o antigo líder, Alexandre, que comandou o grupo na mesma época em que Umbelina de Araújo comandava a Irmandade Nagô, optou por fazer uma junção entre o Nagô e o Candomblé, perdendo então o vínculo forte que tinha com o grupo que se denomina da linhagem do Nagô puro.

Quando você mistura as suas raízes a algo que não é sua herança, você perde o vínculo com a religião porque você está quebrando com a tradição e desrespeitando aqueles que lutaram e lutam para preservar as nossas raízes africanas. É por isso que na nossa casa não é permitido entrar elementos que não sejam os que vieram com os nossos ancestrais africanos, e em outras casas, isso é permitido, por isso que o nosso nagô é puro, porque

¹⁸ Nagô, dentro do candomblé é a denominação de uma das nações africanas, a exemplo do candomblé Ketu e Angola. Porém, para os integrantes do terreiro Santa Bárbara Virgem, o nagô a qual eles se referem é diferenciado de qualquer outra nação que constitui o candomblé.

¹⁹ Em entrevista à autora deste trabalho em 11 de janeiro de 2009.

preservamos as nossas raízes, aquilo que os nossos ancestrais nos deixaram para que a gente desse continuidade do mesmo jeito que eles deram. (SANTOS, em entrevista à autora deste trabalho em 11 de janeiro de 2009)

Retomando Bastide (1971), o Nagô impôs-se como puro por manter a tradição vinda da África, segundo eles, de maneira intacta, preservando seus elementos centrais ritualísticos, sem corromper essa tradição africana. Sabe-se que mudanças e adaptações aconteceram ao longo dos anos em casas desta linhagem, porém tais modificações ocorridas nesses cultos são apenas por causa de uma necessidade de adaptação ao modo de vida brasileiro, a exemplo do culto e equiparação de elementos vindos do catolicismo.

Para Prandi (1996), as religiões africanas sempre foram devedoras e dependentes do catolicismo no Brasil por uma questão de necessidade, inclusive de preservação dos seus cultos, uma vez que, como anteriormente citado, no século XIX, a identidade brasileira estava relacionada ao catolicismo, ou seja, para ser brasileiro era necessário ser católico. Portanto, o sentido de pureza e tradição não significa dizer que nenhum elemento de outra religião tenha sido adaptado ou incorporado ao Nagô, somente que este tipo de culto não sofreu modificações drásticas e manteve suas origens ritualísticas ao longo do tempo. De acordo com Dantas (1988:215), o candomblé nordestino é uma celebração mítica da cultura africana e é necessário buscar na origem do conceito de pureza (neste caso, no terreiro Santa Bárbara Virgem) as respostas para as modificações sofridas ao longo do tempo para obter a totalidade deste fenômeno.

No Nordeste, a exaltação da herança cultural da África, sobretudo a herança “mais pura”, não estaria negando o projeto racista e hegemônico engendrado pelos dominantes, expresso também na teoria da aculturação, mas adequando-o às condições regionais. A alta concentração de negros aponta mais fortemente na direção da África como tema de alta potencialidade de manipulação ideológica. De outro lado, o próprio referencial teórico da aculturação que informa grande parte dos estudos sobre cultos afro-brasileiros permite validar, em termos metodológicos, essa fixação no estudo da herança mais pura (DANTAS, 1988, p. 215).

Certamente, a discussão acerca da pureza do Nagô de Laranjeiras não é o foco deste trabalho, porém esta é uma discussão que se faz importante para solucionar o problema de pesquisa acerca da questão da mulher dentro da religião e neste caso, dentro da religião Nagô. Por isso, esse assunto será abordado com mais profundidade e embasamento nos capítulos que seguem.

Para conhecer os elementos que compõem a religião Nagô é necessário conhecer a sua história. De acordo com o relato da atual Lôxa da casa, Bárbara Cristina dos Santos, a história

da religião Nagô em Laranjeiras começa quando Ti Henrique, um africano nascido na cidade de Obá, trouxe consigo para o Brasil os orixás que representam o Nagô e que são cultuados desde então pelos integrantes do terreiro Santa Bárbara Virgem, que são os orixás da costa africana, denominados pela Lôxa como os santos-pedra²⁰.

Ao chegar ao Brasil, especificamente na cidade de Laranjeiras, Ti Henrique fez a sua morada juntamente com os seus santos trazidos da África e começou a fazer louvores aos orixás. Pouco tempo depois da chegada de Ti Henrique, outro africano chega ao município de Laranjeiras junto com outros negros de origem ioruba. Este africano era Ti Herculano, escravo liberto que trouxe consigo mais orixás e construiu sua casa na Comandaroba, povoado próximo à cidade de Laranjeiras. De acordo com a Lôxa, os outros africanos que vieram com Ti Herculano migraram para outros municípios sergipanos.

Naquele tempo, havia casas de santos nagôs em Riachuelo, Divina Pastora e em outras cidades, porém atualmente só existe aqui em Laranjeiras. Essas outras casas já não existem mais e os santos que ali havia hoje estão na cidade de Laranjeiras. Quando os santos foram trazidos para cá, somente Ti Henrique e Ti Herculano passaram a fazer os louvores aos orixás da costa (SANTOS, em entrevista à autora deste trabalho em 02 de abril de 2011)

Bárbara contou que, quando Ti Henrique morreu, os santos foram passados para Ti Herculano que, conseqüentemente, passou a cuidar da chamada Irmandade Santa Bárbara Virgem. Ao contrário da mulher enquanto líder de terreiro Nagô, o Beg, Ti Herculano, podia constituir família e assim o fez, deixando sua herança religiosa para os diversos descendentes que ainda fazem parte da religião, a exemplo de Dona Ciza, descendente de Ti Herculano.

Segundo José Maria de Jesus, Patrão, Ogan e integrante mais velho do terreiro, Ti Herculano era considerado o sacerdote mais poderoso da região, tão poderoso que foi capaz de enfrentar e derrotar a magia do sacerdote mais temido, Sapucari.

Sapucari era Malê, da África, representava o povo negro de Laranjeiras. Sapucari era do Malê, do mal, Herculano é do bem, do Nagô. Sapucari matou muita gente e queria matar Herculano com as comidas que ele preparava. Ele matou algumas pessoas assim, com sua magia e seus feitiços. Mas Herculano era mais forte e quando Sapucari quis matar Herculano, ele foi mais esperto e Sapucari viu que a força do bem é maior, Herculano era homem muito sábio; tão sábio que antes de sua morte e, com o nascimento de Bilina, ele já sabia que ela seria a futura Lôxa da casa. Ele sabia do futuro da casa e deixou tudo encaminhado por aqui. (JESUS, em entrevista à autora deste trabalho em 29 de dezembro de 2011)

²⁰Pedras que representam os orixás.

A associação de outros cultos africanos ou de origem indígena ao mal se deve ao fato de tanto o Malê como o Toré serem associados ao feitoril de trabalhos voltados à destruição de vidas, o que para esta casa Nagô é inadmissível. Dona Ciza reforçou em entrevista que o Nagô não mexe na vida dos outros; a quebra de feitiços ou de problemas na vida de seus filhos e de quem procura ajuda da casa se dá através de rezas, jamais através de trabalhos que necessitem envolver sacrifícios de animais ou oferecimento de bebidas e cigarros a entidades.

A gente não faz trabalho por aqui, a gente reza, faz nossas orações e pede ao santo. Mas trabalho com sacrifício, jamais. Isso é coisa que envolve Exu e ele aqui não é cultuado, ele não entra na roda, senão pode trazer muito transtorno para a casa e para a família de santo, e é por isso que eu digo que o Nagô não é candomblé porque o candomblé mistura, faz essas coisas. Aqui não. (SANTO, em entrevista à autora deste trabalho em 02 de abril de 2011)

Apesar de Exu, orixá mensageiro que transita entre os dois mundos, não ser cultuado na casa, na observação do processo ritual, antes do siré²¹, os integrantes da casa fazem uma espécie de oferenda a Exu para que ele abra os caminhos e não atrapalhe o ritual.

Após a morte de Ti Herculano, o Orixá maior do terreiro, denominado pelos integrantes como pai da costa, orixá este que determina tudo o que vai ser feito dentro da religião Nagô, escolhe agora não mais um homem para comandar a casa, e sim uma mulher. Essa figura foi Umbelina de Araújo, negra descendente de africanos, que assumiu o terreiro com aproximadamente 20 anos. Segundo relatos de Dona Bilina, como era chamada pelos integrantes do terreiro e comunidade local (Dantas, 1988:71), a primeira Lôxa do terreiro foi criada na casa de um tabelião, cujos filhos eram alimentados pela mãe de Bilina, a negra Calu. Bilina saiu de Laranjeiras após a morte do tabelião para morar no Rio de Janeiro e foi lá que recebeu o chamado para assumir o seu lugar no comando do terreiro.

Estava no Rio de Janeiro quando “mandaram dizer que eu viesse tomar conta do meu lugar, que meu tempo já tava chegando. Eu num (sic) sabia qual era o tempo”, pois, segundo afirma, era de praxe que a pessoa destinada à direção do culto ignorasse sua condição de eleita dos deuses, até o momento de assumir o encargo (DANTAS, 1988, p. 81)

O motivo pelo qual Bilina e outras mulheres ignoram e relutam em se submeter ao comando da casa é o fato de que a líder que assumir o terreiro deve permanecer pura, virgem e, a partir do momento em que assume esse compromisso de comandar a casa, deve recusar a vida matrimonial, além de assumir grandes responsabilidades no que se refere ao comando

²¹Siré na língua iorubana significa festa, roda.

das casas de santo. Ao receber o chamado, Bilina estava noiva e teve que desfazer-se do noivado e do enxoval para assumir a liderança do terreiro. Segundo relatos de Dona Ciza, as mulheres escolhidas relutam inicialmente em aceitar o cargo, pois é uma vida de renúncia e de total entrega aos orixás.

Esta peculiaridade contrasta com o estudo realizado por Turner (2008:06) com sociedades matrilineares da África Central, que tinham a representação da mulher como a protetora, nutridora e mestre pelo fato de poder gerar a vida e garantir, então, a continuidade da sociedade. Dentro deste contexto pesquisado por Turner, a figura masculina possui papéis primordiais, porém a mãe, enquanto responsável pela continuidade da herança familiar, possui papel principal, de liderança. A diferença é que nestas sociedades matrilineares africanas a mulher tem o papel de geradora da vida, da mesma forma que em outras casas de culto afro brasileiros, em que as líderes das casas constituem família biológica.

Ao aludir essa questão da continuidade da espécie e transmissão de herança no terreiro Santa Bárbara Virgem, em que a líder não pode constituir família, é importante se ater ao fato de que, dentro de um sistema religioso, em que a mulher ocupa o posto de líder, a constituição da família de santo e continuidade do ritual não necessariamente deve ser feita através das relações de consanguinidade. Isto pode ser visto inclusive dentro do catolicismo, onde os sacerdotes devem fazer voto de castidade ao assumir esse cargo frente à religião.

Segundo Braga (1995:98), a ancestralidade dentro do campo religioso pode ser manifestada como uma herança reconhecida e culturalmente processada, ou seja, a construção de um parentesco fictício (não consanguíneo) *é processado nas relações intragrupais e a força do parentesco religioso na configuração da comunidade é prevalente e regulador maior das relações sociais inclusive entre seus membros.*

No caso de um homem assumir a liderança, não há a renúncia matrimonial; ele pode constituir família. O motivo desta diferença é explicado pela Lôxa Bárbara Cristina dos Santos como determinação do Orixá maior: “assim é a determinação do nosso pai da costa, sempre foi desse jeito, e só ele pode mudar essa determinação”. Ainda de acordo com Bárbara, a Lôxa precisa da pureza, precisa se manter virgem para o orixá. A mulher enquanto líder de terreiro nesta religião é a representação do que é puro, sacro, renunciando as impurezas, o mundo profano, que neste sentido está relacionado ao contato sexual.

Ao assumir a Irmandade, Bilina ficou responsável por cuidar dos santos de Ti Henrique, que estão na casa em que ela morava, e que hoje é habitada por Bárbara, a antiga Rua da Cacimba, que agora leva o nome de Umbelina de Araújo, homenagem prestada à antiga mãe de santo que era muito respeitada pela população laranjeirense.

Além da casa localizada na antiga Rua da Cacimba, que é a casa em que habitam as Lôxas desde a época de Bilina, a Irmandade Santa Bárbara Virgem realiza seus festejos em outros locais: a casa de Ti Herculano, denominada por Bárbara como “a casa matriz da religião Nagô em Laranjeiras”; a casa de Iansã, que fica próxima à casa das Lôxas, onde é realizado o festejo a este orixá, e a casa no povoado laranjeirense do Quinta Ler, onde também são realizados festejos aos orixás. As famílias que habitam essas casas são as responsáveis por cuidar dos santos que estão nelas, e estas famílias são os descendentes dos africanos que cuidavam destes orixás. Portanto, a casa é do santo e este deve ser cuidado por quem lá habitar.

Cada casa de santo que compõe a Irmandade Santa Bárbara Virgem possui funções específicas e representa um papel importante no ciclo ritual do terreiro. A casa que constitui maior importância na realização de cultos e afazeres religiosos é a casa das Lôxas, onde é realizada a maior parte dos festejos e rituais da religião. A casa de Ti Henrique, localizada num povoado próximo à sede do município de Laranjeiras, é a primeira casa da Irmandade, ou seja, a casa matriz, onde acontecem alguns rituais anuais, e são guardados alguns santos (não especificados pela Irmandade), com o intuito de preservar a ancestralidade e importância que a casa tem para a religião. Por ser a primeira casa da Irmandade, a casa de Ti Herculano passou por uma reforma, que transformou a sala principal da casa em um arquivo de registros da trajetória do Nagô em Sergipe.

Além dessas casas, a casa de Iansã, e a casa do povoado Quinta Ler, constituem as casas mais recentes da Irmandade, mas não menos importante no que diz respeito às realizações de cultos que compõem o ciclo ritual do terreiro. Assim como a casa de Ti Herculano, são realizados festejos anuais nestas duas casas, que também guardam alguns santos-pedra da religião. Essas são as casas que compõem a irmandade atualmente, porém, em entrevista à Lôxa, e em pesquisa à obra de Dantas (1988), inicialmente o terreiro Santa Bárbara Virgem possuía casas de culto também nas cidades sergipanas de Riachuelo e Divina Pastora, sendo extintas pela mudança de seus zeladores, que trouxeram os santos-pedra e fundamentos da religião às casas de Laranjeiras.

Retornando à história das Lôxas, Bilina passou aproximadamente 50 anos à frente da Irmandade Santa Bárbara Virgem até falecer em 1974 quando, mais uma vez, houve a determinação do Pai da Costa²² para escolher um novo líder para a irmandade e, novamente,

²² Divindade mítica que representa o Orixá Maior da casa de culto Nagô, aquele que determina todas as ações que devem ser seguidas para dar prosseguimento à rotina ritualística da Irmandade. De acordo com os

foi escolhida uma mulher. Dessa vez, uma mulher mais velha assume o comando da casa, Dona Lourdes, mãe adotiva de Bárbara, a atual Lôxa. Dona Lourdes recebeu o bastão do comando do terreiro aproximadamente um ano após a morte de Bilina, pois de acordo com Dona Ciza, outra mulher estava predestinada a ser líder, porém recusou o pedido do Orixá maior.

Quando Dona Bilina se foi, era a falecida Alaíde que ia assumir o terreiro, mas ela não quis porque ela queria casar e viajar, ela era uma mulher muito culta, já tinha conhecido a África, estudava. Só que quando Dona Lourdes assumiu, que também não queria essa responsabilidade, o Orixá nunca permitiu nem que Alaíde casasse nem que se afastasse da casa, ou seja, Alaíde acabou fazendo o papel de Lôxa junto com Lourdes e não era porque ela queria, mas porque o Orixá nunca permitiu nem que ela arranjasse namorado nem que casasse e muito menos que se afastasse da religião. Nada que ela queria foi permitido pelo Orixá porque aquela era a predestinação dela. Não adiantou ela não querer ser Lôxa porque ela ficou do lado da Lôxa e teve as mesmas obrigações até o dia em que morreu (SANTOS, em entrevista à autora deste trabalho em 02 de abril de 2011)

Dona Lourdes, que assumiu o terreiro em 1975, tinha aproximadamente 40 anos de idade, vindo a falecer em 2002, e era a mãe adotiva de Bárbara Cristina dos Santos, que nesta época tinha somente 16 anos e foi designada pelo Orixá maior²³ para assumir o terreiro após o falecimento de sua mãe. Quando Dona Lourdes ainda era viva, Dona Ciza retorna do Rio de Janeiro, onde viveu por mais de 20 anos, para tomar conta de Dona Lourdes, que estava doente e necessitava de ajuda para realizar os afazeres da casa. Após a morte da Lôxa, é concedida à Ciza a guarda de Bárbara, que ainda era menor de idade, e a designação de ser a Iaquerê do terreiro, aquela que cuida da Lôxa e da casa de santo.

Tem 26 anos que eu voltei a Laranjeiras e 24 anos que eu voltei a frequentar o nagô. Bárbara não queria ser Lôxa, assim como Dona Lourdes também não queria, pois é uma posição de muita responsabilidade, de muita renúncia e obrigações. Depois de um tempo, elas foram se conscientizando porque é uma obrigação que não tem como você fugir, então é melhor aceitar o destino. Bárbara aceita agora, mas, no início, quando ela soube que tinha sido a escolhida, ela não queria, pois ela era muito nova para tanta responsabilidade e ter que fazer uma escolha tão importante é mesmo muito difícil, mas ela recebeu os sinais e aceitou a sua obrigação (SANTOS, em entrevista à autora deste trabalho em 02 de abril de 2011)

integrantes, é o Pai da Costa quem determina o presente e o futuro da casa, como a família de santo deve se portar e o que a Lôxa deve fazer para garantir a manutenção das regras e da casa.

²³ A designação do Orixá Maior, suas mensagens e sinais podem ser recebidos de várias formas pela família de santo, segundo a Lôxa da casa, porém a publicação de como essas mensagens são transmitidas não é permitida pela Irmandade.

Bárbara Cristina dos Santos recebeu o bastão de comando do terreiro em 2004, após completar 18 anos, e desde então é Lôxa da Irmandade e líder das *Taieiras*. Na época em que Bárbara foi designada para ser Lôxa, ela ainda era menor de idade, portanto não poderia assumir o comando do terreiro, pois de acordo com ela, a iniciação no Nagô é feita somente após o iniciado completar 18 anos, idade esta que designa que a pessoa já é responsável por si e pelos seus atos e pode fazer parte da religião.

A história de Bárbara com o terreiro Nagô se inicia de fato a partir do momento em que ela passa a fazer parte do grupo folclórico *Taieiras*, aos três anos de idade. A atual Lôxa cresceu e foi preparada para assumir um cargo que, segundo relato de Dona Ciza, já estava predestinado a ser dela, da mesma forma que aconteceu com as outras líderes do grupo. Bárbara mora na casa em que também já moraram Bilina e Lourdes, antigas líderes das *Taieiras*, e, conseqüentemente, antigas Lôxas, uma vez que o grupo está intrinsecamente ligado ao terreiro Nagô.

A atual Lôxa é graduada em pedagogia e a mais jovem ‘mãe de santo’ do estado. Com apenas 24 anos, Bárbara assumiu a responsabilidade de ser mãe de aproximadamente cem filhos de santo. De acordo com Lima (2003), o papel da mãe de santo dentro de uma casa de culto é o de acolher, transmitir conhecimento, mediar conflitos e a comunicação com os orixás, além de cuidar da casa e dos seus filhos, ou seja, essa autoridade da mãe de santo assemelha-se com a função de mãe nas relações familiares, aquela que zela e cuida dos seus filhos.

A Lôxa também exerce a função de líder das *Taieiras*, responsável pelo recrutamento das jovens, ensinamento dos cantos, divididos em sagrados e profanos, e customização das roupas, que são confeccionadas pelo grupo. Cada peça utilizada pelo grupo, inclusive as cores das vestes das integrantes, possui um significado referente também ao simbolismo da religião Nagô, simbolismo este que recebeu influência da religião católica, assunto este abordado no capítulo 3 deste trabalho.

1.2 *Taieiras* e Nagô

De acordo com informações obtidas no arquivo de recortes jornalísticos das décadas de 70 e 80 da professora Beatriz Gois Dantas, em 2008, as primeiras referências às *Taieiras* de um modo geral foram feitas por Francisco Calmon e Sílvio Romero (1760 e 1883, respectivamente). Segundo Hugo Ribeiro (2008), em Sergipe, registros sobre o grupo são

encontrados somente a partir do século XIX e, na década de 50, surgiram alguns rumores de que as *Taieiras* estavam em processo de extinção não só em Sergipe como também em outros estados em que havia esse tipo de manifestação folclórica, a exemplo da Bahia, Tocantins, Alagoas e Rio de Janeiro.

Ao longo dos anos, os grupos de *Taieiras* foram desaparecendo dos festivais de cultura e das ruas, porém, na cidade de Laranjeiras, o grupo permanece vivo e ativo, fazendo apresentações atualmente, mesmo enfrentando períodos de dificuldades financeiras e o desinteresse da população em manter a tradição.

Na década de 70, a antropóloga Beatriz Góis Dantas publicou um estudo sobre as *Taieiras* em Sergipe, dando destaque ao grupo de Laranjeiras que era organizado na época por Dona Bilina. De acordo com Dantas (1972), naquela época havia a predominância de jovens e mulheres no grupo (de seis a oitenta anos de idade). Bilina era quem escolhia todos os integrantes, conhecia muito bem os cantos, organizava e promovia os eventos em que o grupo fosse se apresentar. Foi com Dona Bilina e a partir dela que as *Taieiras* passaram a ser respeitadas entre os grupos folclóricos do estado e a serem reconhecidas pela sociedade.

De acordo com as informações dadas por Dona Ciza e Bárbara, a configuração do grupo consiste em aproximadamente 40 pessoas entre guias ou dançarinas (*taieiras*), contando com uma contra guia que ocupa a primeira posição de uma das duas fileiras junto com Bárbara, duas rainhas, que são mulheres mais velhas coroadas na Igreja de Nossa Senhora do Rosário; duas lacraias, mulheres que seguram as sombrinhas para as rainhas; dois capacetes, meninos que fazem a guarda dos reis; o ministro, menino que acompanha o rei; o patrão, rapaz que toca o tambor, função esta que se assemelha à função do patrão²⁴ no terreiro Santa Bárbara Virgem, e o rei - menino coroado.

Em Sergipe, existem grupos de *Taieiras* nos municípios de Lagarto, São Cristóvão e Laranjeiras, porém ao contrário das *Taieiras* de outros municípios sergipanos, as *Taieiras* de Laranjeiras continuam com a mesma composição da época de Dona Bilina. Depois de sua morte, o grupo se apresentou sem as lacraias e somente com uma rainha. Foi no ano de 2009, que as funções de lacraias e segunda rainha voltaram a estar presentes no grupo e nos cortejos.

De acordo com as coordenadoras das *Taieiras*, não houve modificações na estrutura do grupo nem nas danças, cantos e vestes, que continuam sendo a saia branca com fitilhos

²⁴O patrão no terreiro Santa Bárbara Virgem é a denominação para a função do Ogan, que significa ser uma espécie de protetor do terreiro, detentor também de prestígio social (BRAGA, 1995:61)

coloridos, a blusa vermelha, o chapéu branco com vermelho, a vareta, o querequexé (ganzá em formato cônico) e a cestinha (ver anexo VII). Nas imagens do anexo VII, há duas fotos: a primeira foi tirada em meados dos anos 60, retirada do livro ‘A Taieira de Sergipe’, de Beatriz Góes Dantas, a segunda foi tirada pela autora deste trabalho em janeiro de 2009.

Apesar de a primeira foto estar em preto e branco, nota-se, ao fazer um comparativo das duas imagens que a configuração das roupas é a mesma. O mesmo modelo e tamanho de saia e blusa para as dançarinas, o mesmo modelo do chapéu e dos instrumentos que são utilizados pelo grupo. As cores das roupas e dos instrumentos também continuam as mesmas. Para o grupo, a tradição é algo imutável, portanto se o grupo é tradicional, logo a sua configuração, seja nas vestes, cânticos ou estrutural, deve permanecer a mesma. Qualquer tipo de mudança neste sentido seria uma forma de quebrar com uma tradição secular e essa quebra é vista como algo negativo para o grupo.

As roupas do rei, rainhas, patrão, capacetes e lacraias também não sofreram alterações. Bárbara afirma que o branco e o vermelho simbolizam as cores de Santa Bárbara Virgem e os fitilhos coloridos representam as cores dos orixás nagôs, ou seja, mais uma vez há a demonstração da forte ligação das dançarinas com o terreiro Nagô.

Da mesma forma que nas Taieiras há uma configuração de funções que respeitam a hierarquia do grupo, a configuração do Nagô se dá também por meio de funções hierárquicas. No Nagô, a liderança se dá através da Lôxa, aquela que cuida dos orixás, e responsável por comandar a casa e os festejos, o Patrão, aquele que toca o tambor nos festejos e é o responsável pelo sacrifício de animais para os orixás, uma vez que na religião Nagô não há sacrifícios de animais para a realização de trabalhos²⁵ como há no candomblé, a IyáKekerê, ou mãe pequena, aquela que cuida da Lôxa e da casa, Ogan, quem cuida das relações do terreiro, uma espécie de protetor da casa, a Iabassé, cozinheira, que é a pessoa que prepara a comida para os orixás, a Omodê, uma virgem que ajuda a Lôxa a fazer as obrigações aos orixás, os tambozeiros, e as cabaceiras, além dos demais filhos de santo que atualmente constituem em aproximadamente 100 pessoas. Essas informações foram coletadas ao longo das entrevistas com Bárbara e Ciza.

Porém, as vestes do Nagô (ver apêndice VIII) diferem das vestes das *Taieiras*, uma vez que as roupas dos filhos de santo devem ser brancas da cabeça aos pés. As mulheres devem usar saias abaixo do joelho e blusas com mangas curtas; em suas cabeças, levam panos amarrados de modos diferentes, cada um representa uma condição que se assemelha ao estado

²⁵Trabalhos, neste sentido estão relacionados ao sacrifício de animais com o propósito de atingir algum objetivo para alguém.

civil da mulher. Por exemplo, se a mulher ainda é uma virgem, utiliza o pano de maneira diferenciada da casada ou viúva. O jeito como elas prendem o tecido na cabeça define o estado civil, como pode ser visto na foto do apêndice VIII, em que o véu da Lôxa tem uma parte solta e o de uma senhora casada é todo amarrado na cabeça com um trançado na frente.

Além do véu, homens e mulheres no terreiro usam um avental branco que também constitui a vestimenta. A roupa da Lôxa difere somente por ela vestir um manto azul e receber o exó, bastão de comando para realizar os festejos. A vestimenta dos homens também se constitui em peças brancas, camisas com mangas curtas e calças compridas e um filá, chapéu que cobre o topo da cabeça, semelhante ao camelauco usado por monges.

Alguns filhos de santo possuem os símbolos de seus orixás e de sua função no terreiro bordados com linha vermelha em seus aventais. Outros, além de bordar os símbolos, utilizam também o colar de contas que representam as cores dos seus orixás, as chamadas guias. Durante o trabalho de campo e observação dos festejos, percebeu-se que os filhos de santo com o símbolo bordado no avental eram filhos de Xangô, um dos orixás que regem a casa. Nos aventais estava bordado o Oxé, espécie de machado de lâmina dupla que representa o orixá da justiça, Xangô, e divindade que rege a cabeça de muitos filhos de santo da casa.

De acordo com Ciza, cada pessoa tem um orixá que a rege, porém nem sempre o orixá exige que o filho de santo utilize o colar de contas, *“isso varia muito de pessoa a pessoa, quem decide quem irá utilizar o colar de contas é o orixá, da mesma forma que decide também quem irá recebê-lo em seu corpo”*. Ou seja, nem todos os filhos da casa são rodantes, entram em transe, aliás, a minoria entra em transe recebe o santo ao longo do ritual, como era perceptível durante os festejos.

Em relação aos critérios para fazer parte do grupo folclórico e da religião Nagô, de acordo com a líder do grupo, o critério para participar das *Taieiras* é que as meninas, *taieiras*, devem ser moças virgens, o que não impede que elas namorem ou tenham contato físico com outras pessoas, porém ao optarem em não serem mais virgens, elas devem deixar também de integrar o grupo. Já as rainhas das *Taieiras* não precisam seguir esse mesmo critério, porém uma delas deve ser vitalícia e ambas devem pertencer à religião Nagô.

Em relação à idade dos integrantes, Bárbara afirma que não há uma idade fixa estabelecida, nem para entrar no grupo folclórico, tampouco para entrar na religião Nagô, todos podem participar desde que as normas de ambos os grupos sejam respeitadas, como é o caso da iniciação no Nagô, que só deve ser feita a partir de completados os 18 anos de idade, o que não impede de a pessoa participar do ritual e fazer parte da religião.

Em se tratando da descendência dos integrantes, pode-se perceber que a maioria do grupo é de descendência negra, assim como na época de Bilina. Isso se dá pelo fato de Laranjeiras ser um município que surgiu na época da escravatura e muitos africanos passaram a habitar a cidade, trazendo sua cultura e tradições que permanecem até hoje “vivas” na cidade, a exemplo do terreiro Nagô e das *Taieiras*. No terreiro, apesar de a maioria constituinte ser de descendência negra, não impede a entrada de integrantes que não sejam descendentes diretos de negros brasileiros ou africanos.

A raça de uma pessoa não pode ser definida pela cor. A cor da pele não diz nada porque o nosso país é de miscigenação, então mesmo que a pessoa tenha a cor da pele clara, ela pode ter descendência negra e não só isso, ela pode ter a alma negra, ter a afinidade com a cultura negra, com as religiões dos africanos. Por isso, eu não sei dizer a você quantos negros existem no nagô, porque o negro não deve ser definido pela cor da pele. (SANTOS, em entrevista à autora deste trabalho em 02 de abril de 2011)

Contextualizando a fala de Dona Ciza acerca da questão racial e étnica, Comaroff (2009:10) pode-se dizer que ela se refere à questão étnica, como um povo ou comunidade culturalmente constituídos com maneiras, costumes e significados, que os levam a serem distintos de outros e que fazem com que seus integrantes estejam afetivamente ligados. Neste sentido, a questão étnica está ligada a uma identidade de auto posseção e não como uma identidade forçada por questões políticas e econômicas, que o autor define como etnicismo.

Por ser um conceito que se encaixa no trabalho melhor do que a utilização de raça para definir o grupo, segundo Comaroff (2009), *a identidade étnica, em contraste com a raça, pode manifestar-se em uma cultura expressiva, em práticas e produtos coletivos*. Complementando a ideia de Comaroff, Poutignat e Streiff-Fenart (1997) afirmam que o que diferencia a identidade étnica de outra forma de identidade é o fato de a primeira ser orientada para o passado, que representa a memória coletiva. Ou seja, o grupo étnico não é definido pela raça ou cor da pele, e sim por uma herança cultural comum, encaixando-se perfeitamente na interpretação de fenômenos religiosos, a exemplo do terreiro Nagô, em que a herança dos antepassados possui importância em detrimento da herança genética ou biológica.

Se retomarmos o conceito weberiano de raça, em que esta é fundada na comunidade de origem, em que é o fenótipo que terá influência sobre o grupo, podemos contrapor essa questão utilizando o conceito sociológico de etnicidade como uma fusão que permite que diferentes grupos compartilhem de uma vida cultural comum e pode ser destinada a diversas finalidades, a exemplo da etnicidade como expressão de interesses comuns, mobilização

política etc. Neste caso, a etnicidade está sendo utilizada com a finalidade de definir uma organização social, que compartilha valores culturais, um grupo que se identifica e é identificável por outros a partir dessa diferenciação de costumes e valores compartilhados.

A melhor utilização do termo etnicidade é um conceito de organização social que nos permite descrever as fronteiras e as relações dos grupos sociais em termos de contrastes altamente seletivos, que são utilizados de forma emblemática para organizar as identidades e as interações. (BARTH, 1997:183)

Para tanto, a utilização do termo etnicidade cabe melhor dentro do contexto desta pesquisa, uma vez que a utilização do termo raça poderia restringir o grupo religioso a um grupo fundado em uma origem em comum, o que não é o caso do Nagô. Mesmo que na formação deste grupo religioso e desta família de santo haja a participação da família biológica e da guarda das casas dos santos por parentes biológicos dos negros africanos que trouxeram os santos para essas casas, o grupo não é homogêneo neste sentido. O Nagô é um grupo que auto atribuiu e se auto identifica pelos próprios atores, o que faz dele um grupo étnico.

1.3 A tradição e o grupo

As *Taieiras* de Laranjeiras continuam fiéis às tradições de seus ancestrais da mesma forma que a família de santo Nagô. Tradição esta que permanece atualmente, comprovada através de observações e entrevistas, em que as respostas de como conheceram o grupo e o terreiro vieram das relações de parentesco, em que algum parente participava e o convidou a participar também, seja das *Taieiras* ou do Nagô.

Ao observar e pesquisar as *Taieiras*, é perceptível que há um elemento a ser seguido com muita rigidez não só por esse grupo, mas também por outros grupos da cidade de Laranjeiras: a tradição. Apesar de ser um grupo que surgiu no final do século XVIII, em Laranjeiras, a tradição não está presente somente nas vestes e estrutura do grupo no geral, as coordenadoras que passaram pelas *Taieiras* sempre demonstraram fazer questão de preservar a identidade do grupo e o respeito à ancestralidade, que se vê muito presente na casa de Bárbara, onde as paredes se encontram repletas de fotografias do grupo, de Dona Bilina e de Lourdes, antigas coordenadoras das *Taieiras*.

De acordo com Hobsbawn (1984:09), a tradição é *um conjunto de práticas, normalmente reguladas tácita ou abertamente*. Essas práticas visam estabelecer e fincar os

valores e normas no comportamento através da repetição. Para tanto, não se pode levar em conta o conceito de tradição como algo que pertença a um passado histórico, mas o estabelecimento de uma continuidade através desta relação com o passado.

É claro que do século XVIII até o século XXI houve muitas mudanças importantes, significativas e bruscas, mudanças que deixaram marcas na sociedade como a invenção do telefone, do rádio, os grandes marcos como a primeira e a segunda guerra mundial e a ditadura militar no Brasil. Porém, o avanço da modernidade não impede que haja a preservação dos grupos tradicionais de folclore, dos grupos que, acima de tudo, respeitam a história e a ancestralidade dos criadores dessas manifestações folclóricas até porque, de acordo com RODRIGUES,

Tradição e modernidade são, portanto categorias e representações relativas da experiência, não podendo ser definidas independentemente uma da outra. Em cada época da história humana, tradição e modernidade formam como que dois polos antagônicos em permanente tensão. (RODRIGUES, 1994, p.63)

Ainda de acordo com o mesmo autor:

Esta diferença tem a ver com o facto de a modernidade se apresentar como ruptura para com os fundamentos tradicionais da legitimidade e com a vontade libertadora do sujeito em relação aos ditames da tradição, encaradas como coacções colectivas à livre inspecção individual dos fenómenos, aos livres projectos de acção dos indivíduos e à livre enunciação individual dos discursos (RODRIGUES, op. cit, p. 63).

Partindo disso, a ligação entre os dois grupos, *Taieiras* e *Nagô* apresenta resquícios de antigas tradições, que influenciam as atividades destes grupos até os dias de hoje. Prova disso é a configuração do grupo, dos rituais e festejos que são mantidos da mesma forma que eram no tempo em que foram trazidos para o Brasil, segundo relatos de Ciza e Bárbara.

A importância da ligação do terreiro com o grupo folclórico traz elementos que dão suporte à pesquisa no intuito de analisar os papéis de liderança e obrigações designadas em cada um dos grupos, elementos estes que comprovam a influência do papel da mulher dentro do contexto religioso e da comunidade local, que apresenta o seu respeito à religião a partir do momento em que, além de não haver retaliações aos grupos durante os festejos como também a coroação da Rainha das Taieiras, ocorre dentro de uma Igreja Católica, e a cerimônia é realizada por um padre, que coroa uma Rainha Nagô (ver anexo II e apêndice IX).

Nas imagens do anexo II e apêndice IX, é perceptível que a coroação da Rainha das Taieiras, que ocorreu em dois momentos distintos, em meados dos anos 60, e em 2009, acontece da mesma maneira há mais de 40 anos. Esta constatação reafirma a importância dada pelo grupo às questões tradicionais, que é manter de maneira intacta todo o processo ritual ao qual a casa está envolvida.

Ao questionar a um filho de santo da casa, Reverton Lima, sobre a importância de manter as características do ritual, o rapaz foi enfático ao dizer que manter a tradição é uma forma de diferenciar a casa e de *preservar aquilo que foi trazido da África para ser cultuado por aqui*. Para os entrevistados ao longo da pesquisa, a tradição está intrinsecamente ligada à pureza, assunto discutido no capítulo III. A pureza, para o grupo é não só sinônimo de tradição como também sinônimo de virgindade, de preservação de um estado fisiológico que assume também um papel de sagrado.

Essa discussão acerca da pureza e do sagrado que ocorre nas duas manifestações será abordada com mais detalhes nos próximos capítulos, porém a reflexão que fica a partir deste breve histórico sobre a origem do nagô em Laranjeiras é que essa mescla de elementos com a Igreja Católica, que, de acordo com os integrantes do terreiro, é o que caracteriza a religião como pura, é na verdade um paradigma, visto que se a religião Nagô mescla elementos de outras religiões como a Umbanda, Candomblé e Toré, ela deixa de ser uma religião pura, porém, ao mesclar com elementos do catolicismo, ela mantém vivas suas raízes, o que nos faz questionar sobre o conceito de pureza para esses integrantes, separadamente do conceito de tradição, que em muitos momentos se misturam dentro deste contexto.

Capítulo II – A mulher Nagô e suas relações de parentesco

Para o estudo do papel da mulher enquanto líder de terreiro é necessário separar temas importantes a serem tratados, como religião (mitos, símbolos etc.), gênero e parentesco (vinculado ao gênero), com o intuito de esclarecer a importância do papel feminino dentro deste contexto e como essas relações de gênero e parentesco mantêm o terreiro Santa Bárbara Virgem como um dos mais tradicionais, se não o mais tradicional terreiro Nagô do país, segundo seus integrantes.

O capítulo consiste em apresentar aspectos gerais do gênero na religião, resgatando importantes assertivas acerca do papel e comportamento da mulher enquanto líder de terreiro e condutora das principais atividades realizadas numa casa de santo. Para isso, buscou-se trabalhar com autoras como Birman (1995), que analisa, na sua obra *Fazer estilo criando gêneros: possessão e diferenças de gênero em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro*, não somente o processo de diferenciação do gênero dentro de terreiros de umbanda e candomblé como também dos papéis sexuais dos gêneros na religião, trazendo uma importante reflexão acerca da hierarquização nos terreiros que, assim como no trabalho dela, aplica-se ao terreiro Santa Bárbara Virgem ao observar a lógica da supremacia feminina dentro da família de santo.

As relações de gênero e parentesco no terreiro são um ponto peculiar a ser analisado, pois, de acordo com a Iaquequerê²⁶, ou mãe pequena, Dona Ciza, até mesmo quem não tem toda a família inserida na religião, os que não são batizados ou não usam as vestes, ainda assim acompanham os festejos e ajudam em alguma atividade como a elaboração das vestes e das comidas para os santos e os filhos da casa.

Em se tratando das religiões africanas no Brasil, *A família de Santo* de Vivaldo da Costa Lima, e *Os candomblés de São Paulo*, de Reginaldo Prandi, são obras que trazem experiências, descrições e características das religiões africanas e de como abordar e analisar os rituais, que serviram para dar suporte ao longo de toda a pesquisa de campo.

A partir da leitura dos clássicos, outros autores e suas obras mais específicas acerca do tema serviram como base para a elaboração da dissertação. Algumas delas foram utilizadas,

²⁶De acordo com Dona Ciza, em entrevista à autora deste trabalho em 02/04/2011, a Iaquequerê ocupa o papel de mãe da Lôxa, que tem por obrigação cuidar dela e da casa dos santos. Esse papel é desempenhado dentro dos rituais e na vida fora do terreiro, uma vez que a atual Iaquequerê é também mãe adotiva da Lôxa.

como *A Taieira de Sergipe* (1972), *Vovó Nagô e Papai Branco* (1988), de Beatriz Góis Dantas, obras fundamentais, pois tratam sobre a realidade do objeto de estudo.

Birman (1995:05), afirma que a hierarquização de um sistema religioso se dá através de valores socioculturais que norteiam essa vida religiosa e regulam o espaço e comportamento dos adeptos. Segundo a autora, tanto o candomblé como as religiões afro-brasileiras em geral não constituem uma religião da salvação, “*um sistema que dê conta de suas múltiplas inserções na sociedade*”, porém os múltiplos valores culturais que regulam a vida dessa família de santo fora deste sistema religioso ajudam a constituir valores e regras que norteiam esses papéis, o que não quer dizer que há uma via de regra que impõe aos seus participantes um certo código de ética que visa dar conta da visão religiosa e do papel religioso do mundo a exemplo de outras religiões, como o protestantismo, assim justifica a autora.

Diferentemente do catolicismo ou protestantismo, a liderança no sistema religioso afro-brasileiro não é uma imposição geral ou escrita numa espécie de código de regras gerais que deve ser seguido. No Brasil, o candomblé não pode nem deve ter sua conduta padronizada, uma vez que cada casa de culto afro-brasileiro segue o seu código de valores e ética de acordo com a linhagem que se segue, com a determinação dos orixás e com a formação dos valores socioculturais da casa.

Portanto, afirmar que a mulher é a figura hierarquicamente mais importante nas casas de culto afro-brasileiro é generalizar um sistema religioso que possui várias vertentes e resumir uma história de formação secular que envolve questões socioeconômicas, valores culturais e um contexto histórico que ajudou a construir essa visão de matrifocalidade nas casas de culto do Brasil.

Assim como Birman (1995), Landes (1967), em *A cidade das mulheres*, Joaquim (2001), em *O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra*, e Lima (2003), em *A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupais*, também trazem trabalhos voltados para a análise comportamental das mulheres nos papéis de mães de santo ou de filhas de santo de determinados terreiros, analisando também a estrutura da família de santo e a proximidade das relações que também se aplicam ao terreiro Santa Bárbara Virgem, que apesar de não se classificar enquanto terreiro de candomblé, ou umbanda, apresenta algumas características em comum com esses terreiros, que de acordo com a Lôxa Bárbara Cristina dos Santos, possuíam raízes africanas e tradição, porém misturaram as raízes africanas a outros elementos como o toré, configurando-se então não mais como religiões puras. É importante destacar que essas concepções

abordadas pelos autores citados e por esta pesquisa é baseada na concepção dos sujeitos envolvidos nesses processos religiosos.

2.1 Relações de poder no terreiro Santa Bárbara Virgem

Ao longo dos anos, muito se modificou em relação à história e ao papel da mulher nas sociedades ocidentais. As diferenças entre homens e mulheres eram reforçadas, comprovadamente, pelas diferenças culturais e não biológicas que eram apresentadas em cada sociedade.

Com a constante luta pelos seus direitos, as mulheres foram ganhando o espaço que sempre lhes pertenceu, porém foi negado por determinações de papéis sociais impostos por sociedades cuja representação maior de poder era constituída por homens. De acordo com Pedro (2005:79), foi a partir do surgimento das chamadas ondas do feminismo que a palavra gênero passou a ser usada e, principalmente, seu uso comprovou que a questão central que norteia a relação entre homens e mulheres é a relação baseada no poder de um sobre o outro, neste caso, do poder do homem sobre a mulher.

Atualmente, a mulher tem ocupado os diversos espaços oferecidos pelo mercado de trabalho que vai além das tarefas domésticas e predeterminadas pela sociedade que é a de cuidar da família e da casa. Cada vez mais, as mulheres ocupam esses espaços, dividem tarefas e, muitas vezes, invertem os papéis com seus maridos e companheiros.

Entre os estudos sobre o gênero e sua definição mais abrangente, Pedro (2005:86) afirma em sua obra que o gênero é o que define a diferença entre os sexos e não a sua característica biológica. Dentro do panorama histórico de estudos sobre esta categoria de classificação, a palavra gênero passou a ser utilizada como um tipo de identidade e para explicar a subordinação da mulher. De acordo com a autora, a partir dos anos 60 o gênero foi criado como categoria de análise.

Esta premissa de Pedro (2005:86) faz relação com o trabalho de Scott (1995:04), que discute o gênero como categoria de análise a partir de um contexto histórico, afirmando que o gênero é *“uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”*. Ou seja, existem regras socialmente determinadas e que são impostas sobre o sexo, neste sentido, o gênero feminino se torna subserviente do gênero masculino por uma determinação social, baseada numa determinação biológica.

A autora desenvolve questões acerca da problematização do uso do gênero de forma mais simples, afirmando que as questões acerca do uso desta categoria perpassam a questão

da atribuição desta categoria ao sexo, e sugere a redefinição e reestruturação do gênero como uma categoria que deve abranger não só o sexo como também a classe e a raça a partir de uma visão que busca a igualdade política e social.

Neste sentido, o uso da palavra gênero não deve ser atribuído somente ao sexo, uma vez que as relações de gênero perpassam essa atribuição biológica das diferenças entre homens e mulheres. A questão do gênero está atrelada às relações de poder, instituídas culturalmente a partir de fatores biológicos, mas não determinados somente por estes.

Ainda sobre as relações de poder, Foucault (1997) afirma que onde há poder, há resistência, e esta “*nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder*”. Em se tratando de gênero, família e trabalho, Foucault analisa historicamente os diferentes períodos de constituição das relações de poder dentro da esfera de trabalho e, conseqüentemente, levada à esfera familiar. Ele divide a história em dois momentos: o primeiro corresponde à necessidade da constituição da força de trabalho como forma de subsistência, momento este que determina as tarefas domésticas para a mulher, subentendendo-se que a mulher é um ser que detém menos força física e deve gerar os filhos, e um segundo, que corresponde ao que o autor denomina de capitalismo tardio, em que a força física não mais determina as posições de trabalho e que já não há mais a limitação e supressão do sexo dentro desta esfera.

Partindo da análise do gênero e sexo de maneira geral, a partir da definição de padrões de comportamento para homens e mulheres, Mead (1988:301) sugere que a única solução para o problema da definição e estipulação de papéis sociais seria reconhecer a individualidade que ocorre nos dois sexos, ou seja, não se pode determinar funções específicas para cada sexo, pois é o indivíduo que pode desenvolver a habilidade específica que não deve ser predeterminada a partir do sexo.

Essa questão de predeterminação de funções a partir do sexo é claramente objetiva também dentro da esfera religiosa, em que historicamente, ao contrário da esfera de trabalho, as mulheres possuem papéis de liderança e de grande expressão, especificamente nas religiões afro-brasileiras, a exemplo do Nagô.

A análise sobre as relações de poder inicialmente discutidas por Michel Foucault (1979:11) afirma a existência deste tipo de relação desde o início da formação das sociedades através de poderes que vão desde o soberano ao poder disciplinar e o biopoder, tipo de poder que atua com menos controle, porém baseado na massificação e hierarquização por parte das estruturas que compõem o Estado.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade, isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros..., os meios pelos quais cada um deles é sancionado, as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o *status* daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro. (FOUCAULT, 1979, p.12)

No sistema religioso, mesmo com estruturas, elementos e símbolos que divergem de outros sistemas, as relações de poder também aparecem direta ou indiretamente por meio de rituais e a própria hierarquização das funções são baseadas em critérios pré-estabelecidos. Cada religião apresenta a família religiosa e o papel do ser social dentro desta. Nas religiões de presença africana isso também acontece, a exemplo do terreiro Santa Bárbara Virgem, hierarquicamente estruturado desde as funções mais primárias até as que envolvem mais prática e responsabilidade.

Aqui a gente tem mais mulher do que homem no terreiro e a mulher tem mais tarefas do que o homem, até porque tem mais cargos ocupados por mulheres do que pelos homens. A Lôxa, as equedes, a cozinheira, mãe pequena, e por aí vai. Mas tudo que acontece na casa e as mulheres que foram escolhidas para cada função nessa irmandade é determinado pelo Pai da Costa, nós não decidimos nada sozinha. (SANTO, em entrevista à autora deste trabalho em 02 de abril de 2011)

No terreiro Santa Bárbara Virgem, é perceptível que as mulheres predominam na casa e conduzem todo o processo ritual. Porém, ao questionar os homens sobre a soberania feminina seja na quantidade de participantes ou na quantidade de cargos importantes ocupados dentro da casa, os dois entrevistados, Seu Zé Maria e Reverton, afirmaram que quem determina tudo é o Pai da Costa, e se ele determina que é de uma forma, todos devem segui-lo e respeitar a sua decisão, pois, segundo eles, não se questiona uma divindade, se obedece.

Essa decisão de que a mulher deve ser a líder da casa é uma indicação do Pai da Costa, a gente não pode dizer se é bom ou ruim. Ele sabe o que é bom para nós, não somos nós que escolhemos, ele é quem escolhe e se ele quer assim é porque assim é melhor. Além do mais, até hoje elas fazem tudo certo mesmo. Não tem por que questionar porque até agora nada deu errado, e se não deu é porque ele sabe o que faz. (JESUS, em entrevista à autora deste trabalho em 29 de dezembro de 2011)

A resposta dos integrantes já reflete a relação de poder e subserviência que existe na casa, uma vez que a determinação do Pai da Costa é inquestionável e irreparável. Além disso,

o respeito, que em determinados momentos das entrevistas se assemelha ao medo ou receio de questionar a legitimidade de uma decisão de um ser supremo é uma forma de confirmar esse poder que as divindades possuem na casa e, principalmente, é também uma forma de fazer com que o poder das lideranças femininas da casa seja legitimado através de uma supremacia e determinação divina.

Eu acho ótimo que a casa tenha lideranças femininas, desde que entrei tem dado certo. Os costumes da casa e a determinação dos cargos são do Orixá Maior, e ele sabe o que é melhor para nós. E tradição é tradição, temos que manter aquilo que nos foi trazido da África, o propósito da religião é esse, manter a tradição e seguir o que o nosso Pai determina, e se ele determinou que as mulheres devem comandar a casa é porque essa decisão é a melhor para a Irmandade. (CARDOSO, em entrevista à autora deste trabalho em 04 de março de 2012)

A partir disso, pode-se perceber que as relações de poder que norteiam a casa vêm de uma tradição mantida desde a abertura do terreiro. Lima (2010:162) afirma que a autoridade do orixá, e de todas as divindades em geral, nas religiões de presença africana no Brasil se exerce pelos pais e mães de santo. Para o autor, o poder emana dos deuses e as autoridades de uma família de santo têm seu domínio autorizado pelos orixás e esse poder exercido por alguma destas autoridades só se encerra com a morte.

Em outra obra de Lima(2011:87), o autor explica que no culto aos orixás a vontade do santo deve ser obedecida sempre. Dentro deste sistema religioso, há uma hierarquia que é rigorosamente obedecida, pois o não cumprimento de regras e tarefas determinadas pelos orixás implica em advertências que influem diretamente na vida de quem burlou ou quebrou alguma dessas regras.

Em relação à divisão das funções dentro de uma família de santo Nagô, Lépine (2011:23) cita que dentro desta organização do culto há a divisão sexual das funções, em que o feminino é o culto dos orixás, ou seja, as funções vitais, e o masculino, o culto aos antepassados, as funções práticas, que estão relacionadas à divisão de funções do panteão das divindades Nagô. Para o autor:

O ritual, reproduzindo os princípios que regem o mundo divino, legitima a ordem social; reafirmando constantemente o status de cada um no grupo de culto, assegura a perpetuação do sistema de autoridade. (LÉPINE, 2011:23)

De acordo com Landes (1967:285), em sua pesquisa sobre os terreiros de candomblé na Bahia, o sacerdócio Nagô é quase exclusivamente feminino. Isso se deve a uma tradição de que *“somente as mulheres estão aptas, pelo seu sexo, a tratar as divindades e que o serviço do homem é blasfemo e desvirilizante”*. Segundo a autora, muitos acham que com a mulher à frente, o culto pode funcionar completamente, porém foi no Brasil que as mulheres negras, através dos cultos, atingiram essa eminência e poder.

Em suma, parece que o favoritismo de fundo sexual dos senhores do Novo Mundo se combinou com os precedentes culturais da África para elevar o status das mulheres escravas no Hemisfério Ocidental, em especial nas sociedades de origem católico-mediterrânea, atingindo o auge no Brasil, onde tanto brancos como negros mantiveram significativos contatos com a África Ocidental (LANDES, 1967:316)

As mulheres africanas eram responsáveis, em suas sociedades, por diversas funções que iam além da casa, a exemplo do mercado, onde elas eram responsáveis pelo comércio e pelo desenvolvimento econômico local, e afazeres religiosos. Em algumas sociedades, apesar de a mulher desenvolver somente as tarefas domésticas, ela era considerada a chefe da família exatamente por saber administrar a harmonia e o equilíbrio da casa. O homem pode ser o provedor, mas a mulher administra. Para Birman (1995:136), as mulheres são relacionadas à vida doméstica dentro do campo religioso. A autora destaca essa função feminina como uma forma de submissão aos homens.

As mulheres, do ponto de vista religioso, são visivelmente relacionadas e concernidas à esfera doméstica. Em primeiro lugar, por pertencerem ao domínio feminino, independente da iniciação, e verem-se assim duplamente concernida a partir do momento em que, *“feitas no santo”*, vão ter como componente desenvolvido a relação com essa fonte da alteridade, homóloga ao feminino e por isso também relacionada ao doméstico. Como iaôs, as mulheres passam a ter obrigações no terreiro, cujo teor está profundamente imbricado com o trabalho doméstico. As obrigações são aquelas devidas ao funcionamento de uma casa, implicam cozinhar, buscar água, lavar, passar, servir, arrumar, coser, limpar e, depois de tudo isso, nos dias de festa, receber os seus santos, *“batendo cabeça”* para todos os dignatários masculinos presentes. (BIRMAN, 1995:136)

Como anteriormente citado, as atividades domésticas estão relacionadas ao que Lépine (2011) caracterizou como funções vitais, que é exatamente a de administrar todo o processo ritual. O fato de a mulher ser designada para realizar as tarefas domésticas numa casa de santo não implica dizer que ela está rebaixada a um nível inferior, ao nível da submissão ao

masculino. Ao contrário, para os integrantes da família de santo Nagô, em Laranjeiras, a função da mulher e da realização por elas destas tarefas domésticas em dias de culto ou não é vista como uma função essencial para o funcionamento da casa e o fato de a mulher ser a única que pode manusear os alimentos e as roupas dos orixás, para eles, já a torna hierarquicamente superior dentro deste sistema.

A função da mulher é importante na casa. Todo mundo tem o seu papel, mas a mulher é quem está mais a frente das coisas, que resolve, até porque é maioria na casa. O papel da mulher é tão importante a começar pelas funções “maiores” da casa, como a de Bárbara, Ciza, e de outras mulheres que estão ali para botar as coisas no lugar. Além do mais, o nosso Pai da Costa é quem determina as funções da casa, e se ele determinou que as principais funções são das mulheres, é porque ele sabe que desse jeito é o certo e é o melhor para a casa (Deolinda de Jesus, em entrevista à autora deste trabalho em 29 de dezembro de 2011)

No contexto religioso, Landes (1967:316) ainda destacou que em sua pesquisa não houve rejeição por parte dos homens em relação à liderança e capacidade feminina de conduzir uma casa de culto, principalmente pelo traquejo, simpatia e equilíbrio dessas mulheres que conduzem esse sistema religioso. Em alguns casos, raros, segundo a autora, os homens conduziam os cultos Nagôs, mas geralmente, a autoridade do homem no Nagô está no cargo de Ogan, que é responsável pela proteção da casa, mantenha em bom estado a casa de culto e, no caso de muitas casas e da Irmandade Santa Bárbara Virgem, realize também o sacrifício dos animais para as oferendas aos orixás.

Em pesquisa mais recente, Joaquim (2001:31) reafirma que as mulheres descendentes dos Nagô preservaram a tradição trazida da África e por isso a predominância de mães de santo nas casas de culto Nagô ainda persiste. Essa liderança, segundo a autora, esteve historicamente envolvida num processo de resistência religiosa e cultural no qual os negros persistiram para manter as tradições trazidas de sua origem, buscando nos elementos trazidos da África fincar raízes e reconstruir, reafirmar sua tradição no Brasil.

Com essa constatação de Landes, Capone (2009:257) complementa que houve no Brasil um movimento de retomada da África nos cultos e essa África “restaurada” só existe, de fato, por aqui. Para a autora, o Nagô no Brasil, ou candomblé Nagô, como ela define, encarna um modo onde não há conflitos, os valores permanecem conservados, e consequentemente, as relações hierárquicas, que são as relações de poder, são respeitadas.

A resignificação das funções que ocorreram no Brasil a partir da chegada dos negros e abertura de suas casas de culto se deu, de acordo com Bernardo (2003:37), desde o

momento que os negros saíram de sua terra natal, perdendo contato direto com suas raízes e culturas. Para a autora, o sincretismo já ocorre com a chegada dos negros no Brasil, pois a própria estrutura das casas de culto, a exemplo da matrifocalidade que ocorre no candomblé, teve elementos modificados e funções adaptadas. E tudo isso se deve exatamente ao fato de os negros terem encontrado uma realidade diferente da África e, para isso, se deu a adaptação de toda a sua vida a uma nova cultura.

Desse modo, a matrifocalidade, como forma alternativa de família, parece fazer parte dos fluxos, das trocas constituídas na diáspora. Tanto para a mulher africana, quanto para a afro-descendente, a matrifocalidade, aparentemente, não foi só uma imposição da escravidão e do pós-abolição – com a consequente marginalização do homem negro no mercado livre durante as primeiras décadas do século XX, que lhe impossibilitava assumir a chefia familiar (BERNARDO, 2003:44)

A autora complementa destacando que em suas pesquisas percebeu que para as mulheres negras que faziam parte do candomblé a religião era uma forma de constituir um local de sociabilidade feminina. Por outro lado, a figura da mãe de santo representava a protagonista na construção de uma identidade étnica que poderia se multiplicar, até porque, segundo Bernardo, a figura feminina dentro da mitologia dos orixás nada tem de submissa e é dessa forma que a mulher negra se porta dentro do candomblé, como protagonista e dona de sua própria história.

Para tanto, na formação dessas casas de culto, em que fatores históricos anteriormente citados contribuíram para a valorização da mulher e constituição dela como maioria dentro dos terreiros de culto Nagô, exhibe-se um contexto em que a mulher ocupa, desde então, uma função diferenciada nessas casas por causa do sexo. Essa relação do sexo e do gênero como definição de poder implica uma particularidade histórica onde as mulheres negras e integrantes das casas de culto afro religiosos exibem a sua importância não só pela determinação de uma divindade, mas pelo fato de ter se imposto como responsável da manutenção de uma herança trazida de seus ancestrais.

Bárbara é uma menina, muito jovem, mas é séria, ela conduz a casa com seriedade. Desde que o finado Herculano se foi, o comando é das mulheres, e elas sempre foram maioria na casa. Quem achar ruim tem que sair da religião porque é o nosso Pai da Costa quem determina e ele determinou que a líder tem que ser uma mulher. Nosso Pai sabe o que faz e se ele até hoje escolhe as mulheres para comandar essa casa é porque elas são melhores no comando (JESUS, em entrevista à autora deste trabalho em 29 de dezembro de 2011)

Esse respeito à hierarquização de uma casa de culto se dá através também de uma imposição de respeito que a condutora ou condutor da casa deve justificar. No caso do terreiro Santa Bárbara Virgem, a atual Lôxa, de apenas 24 anos de idade, é visivelmente respeitada por todos os integrantes da Irmandade não somente pelo fato de ter o cargo maior na casa, mas principalmente por ter sido indicada e escolhida por uma divindade e este é um sinal de respeito dos integrantes da casa a um ser que, para eles, é superior e deve ser obedecido sem ser questionado.

Desde pequena eu brinco no Nagô, sempre gostei. Toco cabaça, canto. Participei da roda das virgens, morei fora um tempo. Peguei ainda a época de Dona Bilina, acompanhei as três Lôxas da casa. A mulher tem pulso forte. Bilina mesmo era realmente incomparável, resistente, forte, fazia tudo pela casa e ela nossa família, e Bárbara também está muito bem, se ela continuar desse jeito vai dar uma boa Lôxa, tanto quanto Bilina foi. Aqui, todo mundo tem que respeitar a todos, mas a mulher, principalmente, pela importância de suas funções na casa e porque é o pai da costa que determina. Se não respeitar a mulher, se não respeitar as lideranças femininas daqui, sai da casa ou terá um castigo imediato dos orixás porque desrespeitar a mulher é desrespeitar a nossa religião (JESUS, Deolinda Maria de, em entrevista à autora deste trabalho em 29 de dezembro de 2011)

Nesse caso, as relações de poder que permeiam esta sociedade religiosa implicam a determinação de que um ser superior impõe e dita as regras a serem seguidas pelos filhos de santo da casa. O papel de Lôxa é essencialmente o de fazer o contato direto com as divindades e transmitir as obrigações, regras e direcionamentos a cada filho de santo da casa. Consequentemente, os papéis hierárquicos subsequentes também são escolhidos pelos Orixás que regem a casa e seguem um fluxo de afazeres determinado por essas divindades. Diante disso, a relação entre os filhos de santo se torna também uma relação familiar semelhante à hierarquia de uma família biológica, trazendo para esta pesquisa a discussão acerca das relações de parentesco.

Da mesma forma que as sociedades, de acordo com Foucault, seguem regras padronizadas e gerais, existem também as relações familiares, de parentesco que apresentam regras específicas segundo as necessidades das famílias envolvidas. Essas relações são definidas de acordo com regras estipuladas por uma ou mais cultura que, neste caso, é proveniente de uma herança histórica e vinculada ao que os integrantes da casa intitulam de tradição.

2.2 Relações de parentesco no Nagô

Partindo da questão da religião, as relações de parentesco ocupam significativo espaço no terreiro estudado, pois, além do fato de que a mulher tem um papel hierarquicamente superior ao do homem, no terreiro Santa Bárbara Virgem, o gênero feminino é maioria numérica na família de santo e famílias inteiras participam da religião, a exemplo de mães, pais, filhos, netos, parentes em geral.

A diferença de uma família de santo para uma família biológica não é somente e essencialmente a questão sanguínea. Dentro desta família de santo, assim como em outras casas de culto afro-brasileiro, casais não podem ser filhos de santo de uma mesma casa, ou isso caracterizaria um incesto, um dos tabus para este sistema religioso. Portanto, da mesma forma que numa família biológica em sociedades não permite que seus integrantes diretos (pais, filhos, irmãos) se relacionem sexualmente, numa família de santo o mesmo deve acontecer.

O incesto, neste sentido, vai além da consanguinidade existente por vezes entre os componentes de uma casa de culto afro-brasileiro, mas é um tabu imposto através de uma instituição que busca regulamentar as relações entre os sexos (LÉVI-STRAUSS: 1976). Para o autor, a proibição do incesto, que é um tabu para diversas sociedades e em diversas épocas, consiste numa imposição das regras sociais criadas a partir da relação interativa homem/natureza, em que essa proibição será dual, pois culturalmente é uma regra, e naturalmente é universal, ou seja, o incesto representa a passagem do caráter universal ao da interdição, traçando assim uma sequência de conjunção e ao mesmo tempo oposição entre a natureza e a cultura, que, segundo o autor, é o que irá nos diferir dos animais.

Neste sentido, o tabu do incesto em determinado sistema religioso está relacionado ao sistema familiar biológico, pois, de acordo com Lévi-Strauss (1976), num sistema parental, há o fundamento da troca, da aliança, e este não deve ser interrompido, pois esta reciprocidade resulta num sistema de constituição de alianças que não deve ser socialmente limitado, e isso vai muito além da consanguinidade. Lima (2003:161) afirma que os laços familiares no candomblé não são apenas compromissos criados através de uma regra imposta:

São laços efetivamente familiares: de obediência e disciplina; de proteção e assistência; de gratificação e sanções; de tensões e atritos – tudo isso existe numa família e tudo isso existe no candomblé. A simples analogia desses aspectos situacionais não bastará, é certo, para caracterizar a instituição, mas ela encerra, também, toda a expressiva terminologia do parentesco, impondo,

com a expressão verbal dos termos, a expectativa correspondente do comportamento (LIMA, 2003, p. 161)

O autor ainda acrescenta que esta relação de parentesco existente na família de santo corresponde a uma dualidade genérica, que é *determinada pelos padrões sociais integrativos, acrescidos dos componentes culturais africanos mesclados na dinâmica da realidade estrutural* de determinado grupo, reforçando, então, o pensamento de Lévi-Strauss em relação à estrutura desse sistema, que neste caso, deve crescer, segundo Lima, alguns elementos da constituição do que ele denomina de família patriarcal, família nuclear biológica, e família parcial. Para o autor, o respeito à autoridade paterna (no caso desta pesquisa, materna), ao princípio da senioridade e a solidariedade ao grupo, são, respectivamente, características dos três exemplos anteriormente citados que fazem parte da constituição da família de santo.

Relações de poder são objetivadas, desenvolvidas, mantidas, expressas ou camufladas por meio de formas simbólicas e padrões de ação simbólica, ambos entrando aqui na ampla classe do “simbolismo”. Parentesco e ritual tem sido a forma maior do simbolismo. Eles são expostos alternadamente ou combinados, como princípios articuladores que são dialeticamente relacionados com o poder. (LIMA, 2010:160)

Perpassando esta questão, na família de santo Nagô, o integrante da família biológica que for batizado²⁷ na religião tem a influência do culto perpassada para os outros integrantes de uma mesma família, o que não quer dizer que não haja resistência por parte das famílias biológicas em não querer participar da religião, lembrando que vários integrantes de uma mesma família podem participar do culto, desde que não sejam cônjuges, para que não constitua um incesto.

De acordo com Ciza, participam da religião aqueles que se sentirem à vontade, os familiares não são obrigados a entrar para a família de santo até porque, mesmo que queiram, alguns não podem fazer parte por conta de questões maritais. Relatos informais obtidos por alguns espectadores dos ritos públicos e parentes de filhos de santo que não quiseram se identificar, afirmam que essas pessoas respeitam a religião, mas não gostariam de participar, somente observam e acompanham quando tem ‘festa’ (a festa significa um ritual aberto e dedicado aos orixás, ou a um orixá específico que rege a casa).

²⁷O batismo no Nagô é realizado de maneira distinta de algumas casas de culto de candomblé. Inclusive, para ser batizado, ou seja, iniciado na religião Nagô, o filho de santo deve ser batizado na Igreja católica. Em relação ao ritual de batismo, as informações, algumas restritas, não podem ser divulgadas a pedido da Lôxa, como forma de preservação de um processo iniciático de fundamental importância para a família de santo.

Da mesma forma que as sociedades seguem regras padronizadas e gerais, existem também as relações familiares, de parentesco, que apresentam regras específicas segundo as necessidades das famílias envolvidas. Com isso, além do estudo do gênero, foco principal deste trabalho, não se pode deixar de abordar as relações de poder e parentesco as quais envolvem a família de santo, composta em sua maioria por entes familiares, como anteriormente citados, e que configuram parte importante e fundamental para constituir as mesmas relações dentro da religião Nagô. Elencado a essa questão, é necessária a análise destas relações enquanto influenciadoras ou determinantes para a atuação da mulher dentro da religião e de que forma estas relações são estabelecidas dentro da família de santo Nagô.

Para esta análise e discussão, autores como Durkheim (2003), que em *As formas elementares da vida religiosa* traz a separação analítica do que significa o total, o social e o divino, e a religião como um espelho da sociedade, idealizada e refletida como tal. Além de Durkheim, para o estudo das relações de parentesco na religião, a obra de Lévi-Strauss (1976), que substitui a palavra forma, utilizada em Durkheim, e passa a utilizar o conceito de estrutura, em sua obra analisa e mostra as assimetrias relativas às alianças feitas nos matrimônios, e supondo a relação de troca implícita ou não na configuração destas relações.

Estas relações de troca (princípio da reciprocidade) analisadas na obra de Lévi-Strauss podem ser revistas e analisadas em relação às religiões e os interesses que estão em jogo dentro de cada processo ritual existente em um terreiro, por exemplo. No caso do terreiro Santa Bárbara Virgem, o princípio da reciprocidade de Lévi-Strauss pode ser aplicado para analisar e discutir não só a construção hierárquica da Irmandade, como também discutir se há, e como se dão essas relações de troca dentro da religião, e de que forma elas influenciam na relação dos integrantes do terreiro entre si, dos integrantes do terreiro com suas famílias, que em sua maioria fazem parte da Irmandade, e dos integrantes do terreiro com a comunidade que habita aos arredores das casas de santo.

Essas relações de troca exprimem a dualidade anteriormente discutida a qual faz parte o fenômeno do incesto, que se faz presente em todas as sociedades, segundo Lévi-Strauss (1976), a dualidade dessas relações se dá a partir do momento em que a proibição ao incesto gera, conseqüentemente, a aprovação e liberação desta pessoa à outra. Ou seja, o grupo não pode se fechar em si mesmo e deve estabelecer essa relação de troca com outro grupo onde essa troca seja permitida.

Dentro de uma família de santo, o relacionamento intragrupal obedece às mesmas regras que as de um sistema familiar tradicional. A proibição do incesto não se configura como o impedimento do crescimento da família de santo em termos de integrantes, mas é uma

regra já imposta pelas religiões ancestrais. De acordo com Lima (2003), a relação com a ancestralidade e o respeito a ela é exatamente o que vai definir a regra da proibição do incesto como algo a ser seguido, uma vez que a família de santo descende dos mesmos ancestrais, de uma mesma raiz, e essa configuração de mesma raiz e ancestralidade se assemelha a um sistema parental biológico, no qual a proibição do incesto é uma regra existente nas sociedades e tem o caráter universal.

Neste sentido, a continuidade da linhagem parental de uma casa de santo, no caso do terreiro Santa Bárbara Virgem, é dada pelo recrutamento de novos filhos de santo que sejam compatíveis com a ancestralidade do Axé. As mulheres, neste caso, são as personagens principais e fundamentais, o que pode ser assemelhado a uma família biológica, em que o papel da mulher é estipulado socialmente como o da geradora e reprodutora da vida. Na família de santo, a partir do momento em que a mulher se torna a responsável em fazer esse recrutamento, esse papel de geradora e reprodutora ganha o devido espaço dentro deste contexto.

Quase toda a minha família de sangue faz parte do Axé, menos os homens, como o meu pai, por exemplo, que não pode participar porque você sabe que numa mesma casa não pode ter casal e aí meu pai não pode ser filho de santo da casa porque minha mãe já é. (Karla Adrielly, Omadê da Lôxa, em entrevista à autora deste trabalho em 04 de março de 2012)

Para tratar a questão do parentesco e estruturas familiares, o estudo de Birman (1995) deve ser retomado como forma de analisar a estrutura do terreiro e as diferenciações dos terreiros de candomblé e umbanda, foco do trabalho da autora, mas que não difere totalmente do objeto de estudo deste trabalho, além da contribuição de Bernardo (2003), com a riqueza de detalhes sobre as mães de santo baianas e configuração de seu papel dentro da esfera religiosa do candomblé.

Bastide (1989) e Lima (2003) também trazem considerações importantes que são utilizadas para identificar os componentes que caracterizam a identidade religiosa Nagô e estrutura familiar nos terreiros, que se aplicam ao trabalho na medida em que as relações de parentesco e identidade religiosa são cada vez mais estreitas desde o momento de inserção no terreiro Santa Bárbara Virgem até o momento de batismo, onde o filho de santo não pode mais se desvincular da religião, e esta passa a ser parte constituinte de uma das suas identidades.

Essa identidade se constrói a partir de uma reconstituição do que para os integrantes da casa seja a identidade africana trazida dos seus ancestrais. De acordo com Prandi (1991), a

identificação com um ou mais ancestrais míticos é talvez o ponto mais central do candomblé. Isso difere da lógica cristã, que afirma que todos vieram de uma mesma origem em comum.

É através do rito e do mito que cada um pode encontrar-se com uma identidade primal religiosamente descoberta e desvendada. Ao mesmo tempo em que essa identidade é pensada individualizadamente, também se a concebe como algo pertencente a um grupo de referência presente e a uma origem comum passada. Ao mesmo tempo somos únicos e coletivos, e a busca do equilíbrio entre essas oposições é possível e necessária. O homem nasce para um deus determinado para o qual retornarão, após a morte, as realizações por ele alcançadas em vida. (PRANDI, 1991:25)

O ponto chave da discussão sobre essa identidade Nagô é que, para os integrantes, ela é constituída da mesma forma que a identidade nagô africana. Porém, como anteriormente discutido, o próprio sincretismo que já ocorria na África, e que no Brasil continuou modificando elementos por conta de um processo sociocultural vivenciado na época em que os negros escravos foram trazidos, impõe uma nova configuração desta identidade, o que não quer dizer que a mesma tenha perdido elementos cruciais para a sua configuração atual.

Ainda de acordo com Prandi, a cultura original africana perdeu território no Brasil, aproximadamente 600 orixás foram listados na África e somente 20 são mencionados e cultuados no país. E muitas vezes, em determinadas casas, são cultuados de oito a dez orixás, o que prova que esse deslocamento para o Brasil fez com muito se modificasse em relação à forma de culto afro no país. Prandi afirma que nos cultos afro-brasileiros, o orixá passa a ser menos “da natureza” para “homem”, até mesmo com a equiparação dos deuses aos santos católicos. Para o autor, esse processo é importante para a universalização do orixá.

Segundo Lépine(2011), a lógica do pensamento nagô, neste caso, o nagô como nação de candomblé, tende ao raciocínio por analogia, ou seja, *os compartimentos justapor-se-iam, mas não se encaixariam uns nos outros*. Neste sentido, o autor afirma que a estrutura lógica do panteão Nagô segue o princípio da senioridade (regula a hierarquia), a divisão sexual das funções e a polaridade da direita e esquerda (que subordina as divindades da esquerda às da direita).

No caso do terreiro Santa Bárbara Virgem, esta identidade está atrelada principalmente à questão do respeito à ancestralidade e às raízes africanas. A maior parte dos integrantes do grupo é negra e pertencente à classe de baixa renda, além de grande parte dos integrantes, a exemplo dos entrevistados para esta pesquisa, à exceção de Reverton Cardoso, é descendente de Ti Henrique e Ti Herculano, fundadores da casa de culto Nagô em Laranjeiras.

Esse fato demarca a importância de ter continuidade das raízes e da ancestralidade na Irmandade, como forma também de manter o Axé²⁸ da casa.

Dantas (1988:89) explica que para os “de fora”, os visitantes, todos da casa possuem o mesmo status, porém dentro da família de santo, os descendentes de nagô ocupam os cargos hierárquicos mais altos. Com isso, pode-se afirmar que a ancestralidade é um elemento que diferencia os filhos de santo, uma vez que essa descendência garante uma *continuidade com a África e com os orixás e o torna um membro natural do grupo*.

Neste sentido, a descendência africana torna-se então um pressuposto de continuidade do Axé da casa e, conseqüentemente, é uma forma de manter as raízes africanas e tradição herdada dos fundadores desta casa com o intuito de preservar o que a família de santo da Irmandade denomina como tradição e pureza.

A partir da constituição desta identidade, em que as relações de parentesco consanguíneo se fundem com as relações de parentesco religioso, a simbologia Nagô dentro da Irmandade se apresenta como parte fundamental para a interpretação do funcionamento do processo ritual da casa. Com isso, elementos como a pureza e a mitologia dos orixás Nagô são pontos cruciais que se apresentam como fatores chave para a interpretação deste processo.

²⁸ A força, energia vital para o funcionamento de uma casa de culto.

Capítulo III – A religião e seus símbolos

O capítulo consiste em apresentar ao leitor a composição ritualística do terreiro Santa Bárbara Virgem. Dentro de cada sistema religioso existe uma sequência de ritos e a composição destes ritos por meio de símbolos que possuem grande importância dentro dessas configurações religiosas.

O processo ritual desses cultos religiosos também constitui parte fundamental para a identificação dos papéis presentes dentro do terreiro Santa Bárbara Virgem. Turner (1974), ao analisar a sociedade como um processo ritual, acredita que os rituais servem para preencher necessidades não preenchidas no cotidiano, através do equilíbrio entre estrutura e *communitas*²⁹. Para o autor, o ritual significa uma conduta formal prescrita em ocasiões não dominadas por uma rotina tecnológica e relacionadas à crença em seres ou forças místicos. Ele acrescenta que as celebrações rituais se apresentam como fases específicas dos processos sociais, em que o símbolo constituirá a menor unidade do ritual.

No artigo “*Symbols in african ritual*”, Turner (1972) discute ainda as formas as quais os símbolos podem ser investigados. O autor explica que existem três maneiras para analisar os símbolos: os atores culturais podem ser questionados a dizer quais são as interpretações deles; os antropólogos podem observar como os símbolos são manipulados, quem os manipula e como os atores inter-relacionam ao modo que os usam; os observadores podem encontrar nas relações espaciais e temporais o que o autor chama de “*positional meaning*”, que, segundo ele, opera entre o meio e o símbolo determinando, assim, a posição dimensional do significado.

O ponto central do trabalho de Turner em relação ao estudo do processo ritual africano é o estudo da natureza polissêmica dos símbolos, a sua capacidade de unificar os significados, condensar várias ideias e estabelecer relações entre as coisas. Para o autor, alguns símbolos dentro do ritual tendem a ser dominantes e, por isso, a posição destes símbolos é de extrema importância interpretativa, uma vez que o símbolo pode ter diversos significados, porém é a sua posição que irá determinar o que ele significa.

Seguindo o pensamento de Turner, Sogbossi (2004:227) complementa ao destacar que o tempo e o espaço na análise de um ritual são aspectos que não podem ser traçados da mesma forma que o tempo e espaço da vida social. Para Schwarz (2008:96), o símbolo está

²⁹Segundo Turner (1974), *communitas* é o nível atingido por uma comunidade em que esta passa a compartilhar de uma experiência comum, geralmente através de um rito de passagem.

relacionado à realidade da experiência humana, ao mesmo tempo em que dá um significado a essa experiência que faz parte de uma realidade imediata.

Desta forma, para Schwarz, o símbolo está relacionado ao inconsciente coletivo e ao que o autor chama de processo natural. Para ele, o fato de várias coisas serem simbolizadas da mesma maneira significa que reside no que é natural, e que este símbolo pode possuir várias dimensões, ao contrário do que Turner discute sobre os vários significados dos símbolos, porém apresentando o significado definido através de uma posição dimensional.

Schwarz (2008) retoma o estudo dos símbolos afirmando que este tem a função mediadora, que segundo ele, resulta do confronto de tendências contraditórias, a exemplo do sagrado e do profano. Assim, em se tratando da Irmandade Nagô, a posição dimensional do símbolo é o que vai indicar qual é a sua importância para a religião.

Os objetos sagrados do peji têm a ver com a Igreja Católica. Essa relação dos objetos sagrados africanos com a Igreja se deu porque os escravos negros não podiam entrar na Igreja, então eles fizeram com que cada objeto daqueles fosse representado por algo. Cada objeto tendo uma representação, geralmente ligado ao catolicismo. E todos esses objetos estão ligados ao sagrado. Todos os objetos sagrados estão guardados no peji. (Dona Ciza, em entrevista à autora deste trabalho em 15 de dezembro de 2011)

Neste sentido, o símbolo opera como uma expressão do que é o sagrado, pertencendo então ao que Schwarz denomina de substância da vida espiritual ou religiosa. Para o autor, somente uma tradição iniciática e religiosa pode transmitir símbolos, pois o que caracteriza um sentido lógico e determinado por coerência à história ou ciências não são símbolos, mas sim, signos. Schwarz (2008:99) destaca que o signo é formado do significante e significado, o primeiro constitui a forma, o aspecto visível, o último é o conteúdo, o invisível, o que se faz presente sem a sua forma palpável. Já o símbolo não aparece de maneira arbitrária, mesmo quando algo não aparece em sua forma, é possível criar uma imagem do que seja isso, ou seja, o símbolo está ligado ao metafísico, ao inconsciente e ao sobrenatural. É por isso que, para ele, retomando o pensamento de Eliade (1996), os símbolos são os nomes dados aos signos do sagrado, pois estão ligados ao sobrenatural e ao mistério.

Partindo para o contexto religioso do terreiro Nagô, a liderança feminina e os rituais realizados em que a mulher detém papel majoritário são analisados enquanto necessidades de preenchimento de um espaço não alcançado para além da esfera religiosa, ao mesmo tempo em que essas mesmas funções estruturais do terreiro também são determinadas pelo sobrenatural, e seguem uma hierarquia social dentro deste sistema.

No terreiro Santa Bárbara Virgem, assim como em outros exemplos de casas de candomblé, todas as funções são determinadas pelos orixás que regem a casa, seja a função de líder, como a função de Omadê. Tudo é determinado pelos orixás através de mensagens dos mesmos aos dirigentes ou aos que carregam funções hierarquicamente importantes na casa. De acordo com os integrantes da casa de culto, essas mensagens se dão através de diversas formas. Comumente, dentro das religiões de presença africana, as mensagens dos Orixás aos seus filhos são recebidas através do transe, jogo de búzios, ou até mesmo por intuição dos receptores e filhos de santo.

Toda a gama de símbolos dos rituais Nagô possui características próprias. Segundo os filhos de santo entrevistados para esta pesquisa, essas características são diferenciadas das outras religiões africanas, especialmente por manter a tradição de realizar os cultos e rituais da mesma forma como vieram trazidas da África no século XIX³⁰. Além disso, cada detalhe do ritual apresenta indícios do respeito à hierarquização do terreiro, mesmo por parte dos homens mais velhos que participam da religião, a exemplo da obediência de todos os integrantes do terreiro, inclusive do integrante mais velho, Seu Zé Maria, que atualmente tem 93 anos de idade, à Lôxa do terreiro que tem somente 24 anos de idade.

De acordo com Seu Zé Maria³¹, não deve haver contestação em relação à vontade do orixá, este sabe o que é melhor para o axé da casa e os filhos devem obedecer. *“Essa é uma indicação do Pai da Costa, a gente não pode dizer se é bom ou ruim. Ele sabe o que é bom para nós, não somos nós que escolhemos. E elas fazem tudo certo mesmo”*. Ao se referir a elas, Seu Zé Maria fala sobre o comando genuinamente feminino da casa, a exceção de sua função, patrão³², aquele que faz os sacrifícios dos animais aos orixás.

Para tanto, no terreiro Santa Bárbara Virgem, apesar de ter integrantes de diversas gerações e com mais experiência de vivência religiosa do que a líder de terreiro, a determinação do orixá da casa, ou seja, a obrigação e determinação do divino é o que irá difundir e separar as funções e determinar o respeito e a hierarquização do terreiro seja ele liderado por homens ou mulheres.

No candomblé o poder é entendido como sendo a vontade do santo: qualquer iniciativa da mãe-de-santo é sempre dita e interpretada como sendo a mando do orixá, tudo é por vontade do orixá...É sempre o santo quis e determinou.

³⁰ Com base em informações dos integrantes do terreiro e na obra de Dantas (1972), que traz relatos antigos e ao fazer um comparativo com as observações feitas atualmente, a configuração dos rituais e festas continuam sendo as mesmas.

³¹ Em entrevista a autora deste trabalho em 29 de dezembro de 2011.

³² No candomblé, essa função chama-se Ashogun.

Nunca se toma uma decisão sem se consultar o orixá e demais entidades.
(PRANDI, 1996:190-191)

Apesar de os integrantes do Nagô distinguir o ciclo ritual praticado na casa do ciclo ritual praticado em casas de candomblé de linhagem Nagô, faz-se analogia ao candomblé, pois é o sistema religioso que se aproxima dos preceitos do terreiro estudado, especialmente em relação à distribuição de funções da casa, da obediência aos orixás e do respeito às regras, que convergem em se tratando de resguardo espiritual para a realização de cada atividade desenvolvida nas casas e o relacionamento familiar religioso associado ao relacionamento familiar biológico.

Ou seja, neste último exemplo, utiliza-se a questão do incesto, relação sexual praticada entre parentes próximos consanguíneos, que é um tabu para a nossa sociedade e também um tabu dentro da constituição da família de santo, em que filhos de uma mesma casa e iniciados pela mesma líder religiosa não podem se relacionar sexualmente, pois seria o mesmo que cometer o incesto, assunto este discutido anteriormente no trabalho. Segundo Sogbossi (2004:75), os parentescos espirituais ou rituais podem engendrar os mesmos direitos, deveres e proibições que um parentesco consanguíneo. Ainda de acordo com o autor:

O estudo da organização social se situa em definitivo ao nível macro-sociológico dos conjuntos sociais; assim, poder-se-á distinguir os elementos culturais de uma coletividade e, por outro lado, os elementos estruturais. Os primeiros implicam códigos de ética ou modelos concretos de conduta, valores, que se aplicam ao conjunto dos atores e modelos que são ligados aos diferentes papéis que comporta a organização de uma instituição. Os segundos já remetem a um grande número de atividades ou de funções, à divisão do trabalho, à criação de um grande número de redes de relações sociais (caracterizados por quadros organizados, grupos menos formais, hierarquias, colaboração e competição ou concorrência entre atores e grupos de atores). (SOGBOSI, 2004:75-76)

Partindo disso, o comportamento dos integrantes de uma religião como o candomblé ou mesmo o Nagô de Laranjeiras, por exemplo, está ligado a uma estrutura culturalmente situada dentro de um universo concreto, em que elementos culturais e estruturais dos grupos sociais formam a organização de uma instituição que possui regras e tabus, a exemplo do incesto entre os filhos de santo (que formam uma família através dos laços de sangue por uma herança religiosa familiar, laços afetivos ou laços de adoção), que é visto dessa forma pela nossa sociedade.

Porém, de acordo com a Lôxa, como a iniciação é feita de maneira distinta do candomblé, casais podem fazer parte da família de santo e serem iniciados no terreiro, desde

que obedeçam as regras do resguardo ao longo do ciclo ritual da casa. As regras estabelecidas referem-se à limpeza e purificação do corpo, que consiste na abdicação da vida conjugal ao longo dos dias que antecedem e procedem os rituais, como forma de manter a sacralidade do processo.

Em se tratando do aspecto religioso nos ritos, os mitos e os símbolos Nagô de Laranjeiras, autores como Douglas (1976) Van Gennep (1978), Bastide (1989), Eliade (1996), e Turner (1994) serviram como referência para o estudo, este último, pela extrema importância e conhecimento sobre a estrutura do ritual, previamente discutido neste trabalho.

Turner (1974) é imprescindível para analisar toda a gama de símbolos dos rituais Nagô, que possui características próprias e diferenciadas das outras religiões africanas, não só por manter a tradição de realizar os cultos e rituais da mesma forma como vieram da África no século XIX³³, como também cada detalhe do ritual apresenta indícios do respeito à hierarquização do terreiro, mesmo por parte dos homens mais velhos que participam da religião.

Ainda na questão da simbologia Nagô, foi tomado como fonte de pesquisa o trabalho de Douglas (1976), que trata sobre alguns aspectos das religiões primitivas, a questão da pureza e impureza e sua estrutura simbólica. Uma vez que o conceito de pureza e tradição aparece de maneira distinta no terreiro, ao ser afirmado pela família de santo que o terreiro deles é o único puro do país e, ao mesmo tempo, essa mesma família utilizar elementos do catolicismo em seus rituais como a questão do batismo, por exemplo.

3.1 Pureza e simbologia Nagô

Um aspecto importante, se não o mais importante, para esta família de santo é o tratamento da pureza dado pelo terreiro Santa Bárbara Virgem. Ao questionar a Irmandade, o que a difere dos outros terreiros não só de Laranjeiras como do Brasil, a Lôxa, Bárbara Cristina dos Santos, afirma que este terreiro é o único puro do país, conceito este elaborado a partir da tradição como fator determinante de pureza.

³³Com base em informações dos integrantes do terreiro, e na obra de Dantas (1972), que traz relatos antigos e ao fazer um comparativo com as observações feitas atualmente, a configuração dos rituais e festas continuam sendo as mesmas.

A gente classifica o Nagô deste terreiro como puro porque a gente preserva a raiz africana, ou seja, tudo aquilo que foi trazido da África pelos africanos que habitaram em Laranjeiras permanece da mesma forma como veio trazido. A Irmandade Santa Bárbara Virgem não aderiu a novas coisas como a questão do caboclo, por exemplo, que vem do toré, que é da cultura indígena, e não africana. Essa pureza vem daí, da preservação do que é tradicional africano. (SANTOS, em entrevista à autora em 02-04-2011)

Para discutir a pureza dentro do Nagô, é necessário buscar o conceito de pureza em autoras como Douglas (1976) e Eliade (1996), este que trata da manifestação do sagrado e do profano na religião, e nos elementos que caracterizam estes dois conceitos, além de trazer importantes considerações acerca de sociedades masculinas e femininas, ritos e mitos. Apesar de não tratar sobre esses conceitos dentro das religiões africanas, ainda assim, a obra de Eliade contribuiu para a discussão desta pesquisa, uma vez que a discussão de pureza no terreiro Nagô está intrinsecamente ligada à questão do sagrado e da sacralização de símbolos utilizados no sistema religioso.

O homem das sociedades arcaicas tem a tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados. Essa tendência é compreensível, pois para os “primitivos”, como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência. O sagrado está saturado de ser. Potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia. A oposição sagrado/profano traduz se muitas vezes como uma oposição entre real e irreal ou pseudo real. (Não se deve esperar encontrar nas línguas arcaicas essa terminologia dos filósofos – real-irreal etc. –, mas encontra-se coisa. É, portanto, fácil de compreender que o homem religioso deseje profundamente ser, participar da realidade, saturar-se de poder. (ELIADE, 1996:13-14)

Dentro do universo religioso, o autor discute como se constitui o sagrado neste sistema a partir de uma realidade absoluta que é fundada através da manifestação do sagrado. Ao contrário do profano que, segundo o autor, jamais chegará ao estado puro, pois mantém a relatividade do espaço, onde o “ponto fixo” aparece e desaparece de acordo com as necessidades diárias.

Vemos, portanto, em que medida a descoberta – ou seja, a revelação – do espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada se pode fazer sem uma orientação prévia – e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo. É por essa razão que o homem religioso sempre se esforçou por estabelecer se no “Centro do Mundo”. Para viver no Mundo é preciso fundá-lo – e nenhum mundo pode nascer no “caos” da homogeneidade e da relatividade do espaço profano. A descoberta ou a projeção de um ponto fixo – o “Centro” – equivale à Criação do Mundo (ELIADE, 1996:17-18)

Desse modo, o universo religioso em que está mergulhado o terreiro Santa Bárbara Virgem utiliza o argumento de manter o sagrado e a pureza (para os integrantes da casa, pureza e sagrado estão associados) como forma de legitimar a religião como respeitadora e mantenedora do axé e da tradição da casa. Para esta família de santo, a ancestralidade atua como elemento primordial no que diz respeito à tradição e como o sagrado está ligado à pureza e consequentemente à tradição, uma vez que, para eles, a repetição de uma rotina ritualística do mesmo modo em que era realizada na época em que o terreiro foi fundado é uma forma de evitar o contágio, a dessacralização e a impureza do Axé.

A ancestralidade articula-se para além dos limites do território sagrado dos candomblés, visando a alcançar o campo subjetivo de representação coletiva. É neste terreno que se projeta a herança africana reclamada e que se contextualiza nas ações políticas mais amplas, nas quais está em jogo a noção de pessoa e de identidade étnica. (BRAGA, 1995:124)

Para tratar das formas de contágio dentro deste contexto, Douglas (1976), em sua obra *Pureza e perigo*, traz também importantes considerações para tratar do tema em questão. A autora trata dos rituais de pureza e impureza como atos religiosos que apresentam noções extremamente funcionais no cotidiano das pessoas, especificamente no cotidiano dos religiosos, buscando compreender esses fenômenos através da comparação entre eles e não somente a análise e caracterização.

Em primeiro lugar, não esperamos compreender o fenômeno religioso limitando-nos a estudar as crenças em seres espirituais, mesmo que refinemos esta fórmula. Em certos momentos da nossa pesquisa, necessitaremos talvez de examinar todas as crenças conhecidas noutros seres: fantasmas, antepassados, demônios e fadas. Mas seguindo Robert Smith, não suporemos que, tendo catalogado toda a população espiritual do universo, captamos a quarta essência da religião. Em vez de construir definições exclusivas, tentaremos comparar as diferentes concepções que os povos têm acerca do destino e do seu lugar no universo. Em segundo lugar, enfim, não podemos esperar entender as ideias dos outros sobre o contágio, sagrado ou secular, antes de nos confrontarmos com as nossas. (DOUGLAS, 1976, p. 41)

Neste sentido, a alusão à obra de Douglas é remetida à questão da virgindade e de como a Irmandade define esse fenômeno como puro. Para a Irmandade, o contágio se dá através da quebra das regras que constituem os elementos como puros dentro do ritual e da rotina ritualística da casa e este contágio acontece por uma série de fatores explicados pela família de santo como elementos que deixam o corpo sujo, inapto a participar de um ritual ou pegar em qualquer objeto considerado sagrado dentro do quarto do santo, ou seja:

O peji é um quarto sagrado porque lá é onde estão guardados os objetos que nenhuma pessoa que estiver com o corpo sujo pode tocar. Corpo sujo é o daquela pessoa que tem contato sexual. Nosso Nagô preserva a pureza, o respeito às divindades. Os orixás não podem ter o mesmo valor de um ser humano porque eles são superiores a nós e, por isso, fazemos questão de preservar o quarto e de também nos preservar, nos resguardar de muitas coisas antes de qualquer ritual ou festa no terreiro. (Dona Ciza, em entrevista à autora deste trabalho, em 02 de abril de 2011)

Em se tratando do resguardo, a Lôxa e Mãe Pequena explicaram que há regras que devem ser seguidas, como forma de purificar o corpo, uma vez que a divindade não deve ser incorporada em um corpo “sujo”, “impuro”, ou seja, quem teve contato com tudo aquilo que é remetido ao mundano e ao profano, a exemplo de sexo, álcool, drogas, determinados tipos de alimentos que são considerados *quizilas*³⁴, utilização das cores preta, roxa e vermelha no vestuário, entre outras determinações que, seguidas, garantem o axé do ritual, da família de santo e da casa. Alguns relatos sobre o não cumprimento dessas regras foram enfáticos em relação ao castigo do Orixá.

Eu já tomei duas surras deles. Uma delas foi quando eu deixei de ir a um festejo, fui a Carmópolis, comprei um peixe, comi e me fez mal. Minha barriga ficou enorme, fui ao médico, o médico disse que não tinha nada, mas a dor não passava e minha barriga não baixava. Quando eu fui ao Nagô, eles me deram o recado que não era mais para eu faltar, que eu não deixasse de ir aos festejos. Disse que eles estavam cobrando porque eu estava faltando. Depois minha dor passou e minha barriga desinchou. Outra pancada que eu levei foi quando eu fiquei quase um ano sem caminhar direito porque abandonei as minhas obrigações. O africano é assim, você tem que fazer as coisas certas, se ele não gostar de alguma coisa que você não fez, acabou. (Seu Zé Maria, em entrevista à autora deste trabalho em 29 de dezembro de 2011)

A cobrança a qual Seu José Maria se refere é a cobrança do Orixá da cabeça³⁵ de cada um. Ele, que é filho do orixá Xangô, é cobrado pelo Pai da Costa e por Xangô, quando não cumpre com o estabelecido dentro da rotina ritualística do local. Segundo Seu Zé Maria, a cobrança é ainda maior quando você tem um cargo na casa do qual toda a família de santo depende, pois qualquer deslize pode comprometer todo o processo ritual do Axé.

Neste sentido, é importante caracterizar o processo ritual do terreiro não como uma forma classificatória, mas listando os cultos públicos, privados e diários, uma vez que nos

³⁴ Quizila significa um tabu, algo proibido que, se alcançado, pode prejudicar de alguma forma quem fez e quem tiver contato com esse processo.

³⁵ Descoberto através de processo advinhatório, é o orixá cujo filho é responsável em zelar por ele de variadas formas.

cultos privados, por exemplo, não pode haver a presença de pessoas que não sejam filhos da casa, mas de forma a identificar através dos ritos de passagem, elementos em comum a esses ritos dentro desta religião e que são importantes para caracterizá-la e diferenciá-la das outras casas. O processo ritual do terreiro está intrinsecamente ligado aos fatores naturais, bem como o processo ritual de casas de candomblé, que seguem um calendário baseado nas forças da natureza, a exemplo da verificação das fases da lua para a realização de rituais, bem como as fases da colheita.

Segundo Schwarz (2008:108), o rito religioso tem por objetivo mediar o sujeito entre os mundos sagrado e profano, colocando esse sujeito em contato com os dois. O ato ritual religioso no sagrado realiza a comunhão entre o homem e a natureza trazendo harmonia entre os dois. Turner (2008:21) classifica as celebrações rituais como fases específicas do processo social e que se configura numa sequência de atividades estereotipadas que envolve gestos, palavras e objetos, sendo realizada em um local, e designado a influenciar a vida das pessoas envolvidas através das forças e entidades naturais.

Van Gennep (1978) classificou as fases dos ritos em três etapas: separação, margem e agregação ou organização. Essas etapas nem sempre devem ser completadas em sua totalidade sequencial. Porém, os ritos complicam-se caso haja alguma anormalidade em sua execução, podendo comprometer todo o processo ritual. No contexto religioso, o não cumprimento de uma etapa sequencial de um rito pode significar um acontecimento desastroso, já que para que o organismo social do terreiro funcione dentro da normalidade, as etapas sequenciais dos ritos devem seguir exatamente o sistema normativo determinado por cada um desses espaços religiosos.

A exemplo da classificação ritual de Van Gennep (1978) e a definição ritual de Turner (2008), o terreiro Santa Bárbara Virgem realiza o seu processo ritual dentro de um sistema de sacralização religiosa que não permite a entrada do profano sob qualquer circunstância. Para essa família de santo, o sagrado e a pureza devem se manter em um polo oposto ao que se mantém o profano e o impuro, de modo que o contato com o impuro descaracterizaria toda a representação do sagrado e a religião, uma vez que ela se mantém a partir do preceito de manter a sacralização dos seus objetos e da pureza seja da mulher, líder, seja de quem manuseia os objetos sagrados, seja da exclusão de todo e qualquer elemento que esteja relacionado ao impuro.

Em se tratando do puro e impuro no Nagô, a Lôxa Bárbara Cristina dos Santos, afirma que este terreiro é o único puro do país, conceito este elaborado a partir da tradição como fator determinante de pureza.

A gente classifica o Nagô deste terreiro como puro porque a gente preserva a raiz africana, ou seja, tudo aquilo que foi trazido da África pelos africanos que habitaram em Laranjeiras permanece da mesma forma como veio trazido. A Irmandade Santa Bárbara Virgem não aderiu a novas coisas como a questão do caboclo, por exemplo, que vem do toré, que é da cultura indígena, e não africana. Essa pureza vem daí, da preservação do que é tradicional africano. (SANTOS, em entrevista à autora em 02-04-2011)

Neste sentido, a pureza passa a ser diretamente relacionada ao conceito de tradição anteriormente discutido, uma vez que o puro é o não mesclado, ou seja, aquilo que não é impuro, profano, que para eles seriam os elementos da umbanda ou dos rituais de caboclo. No caso da religião católica, os elementos não são considerados impuros, mas sim sagrados. Douglas (1976:196) cita em sua obra ‘Pureza e perigo’, que a pureza é inimiga da mudança, ou seja, ela é incompatível com a ambiguidade, e, portanto, inflexível. No Nagô, é exatamente esta relação com a pureza que os integrantes da casa querem passar para os “de fora”, o outro, de que a pureza remete a uma tradição imutável.

A pureza também está relacionada ao sagrado para esta família de santo. Durkheim (1968) distingue sagrado do profano como um par de oposições. Para ele, o sagrado e o profano (ou o puro e o impuro) são gêneros distintos que não se correlacionam. Para o autor, o sagrado está relacionado ao fenômeno religioso, ao sobrenatural, e o profano, ao biológico, ao natural. A família de santo analisa essa questão da mesma forma, diferenciando o sagrado do profano e colocando os dois em polos opostos e não como uma complementação.

Para Eliade (1996), o sagrado significa a manifestação de uma entidade que seja considerada sagrada, a exemplo de determinados objetos em algumas sociedades. A construção do sagrado é dada pela consciência humana, ou seja, o autor apresenta o sagrado também em oposição ao que é profano e acrescenta que o sagrado está relacionado ao poder, pois para o homem religioso, nada pode começar ou se manifestar sem uma orientação prévia.

Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não realidade da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo (ELIADE, p.17, 1996)

Dentro deste contexto, o sagrado assume papel primordial no terreiro Santa Bárbara Virgem como elemento norteador das atividades ritualísticas da casa e, conseqüentemente, a pureza é um elemento que para estes integrantes está diretamente relacionado e, por vezes, mistura-se ao sagrado. Porém, a discussão acerca da polaridade do sagrado e profano é

definida por outros autores, a exemplo de Schwarz, como anteriormente citado, que define esses dois elementos como complementares, uma vez que eles coexistem numa mesma realidade, porém, dentro do sistema religioso, o sagrado não coexiste com o profano, uma vez que a realidade mítica e mística não está relacionada ao mundano.

Retomando a ideia de que o sagrado está ligado ao poder pela sua influência e força dentro do espaço religioso, Dantas (1987) discute a pureza no Nagô de Laranjeiras exatamente como uma forma de demarcação espacial e temporal, que irá diferenciar os espaços religiosos uns dos outros a partir dessa sacralidade estipulada por casa família de santo.

Reforçando o que foi dito anteriormente e inicialmente sobre a pureza Nagô neste trabalho, a ideia de pureza para os terreiros de candomblé é vista como algo remetido ao que vem da África, principalmente aos cultos nagôs. Dantas (1987:122) remete à ideia de pureza às instituições culturais africanas que são reproduzidas de maneira fidedigna, tornando-se, dessa forma, uma resistência. Para os integrantes do terreiro Santa Bárbara Virgem, o modelo de Nagô puro é o que demarca a diferença entre eles e o “outro”. Os que misturam outros elementos, os que a tradição original é incorporada a outros elementos são considerados deturpados.

Ainda de acordo com Dantas (1987:124), essa ideia de pureza pode ser articulada com a ideia de poder, uma vez que, dentro deste sistema religioso, demarcar os tipos de terreiro como puro e misturado é também uma forma de marcar o espaço de cada um buscando, assim, legitimidade e hegemonia dentro desta classificação de poder.

Além da pureza e do sagrado enquanto legitimadores de poder dentro da esfera religiosa, Douglas (1976), afirma que não se deve compreender “*o fenômeno religioso limitando-nos a estudar as crenças em seres espirituais, mesmo que refinemos esta fórmula*”, mas sim procurando estabelecer uma interconexão com outros seres, inclusive os antepassados.

No terreiro Nagô, a noção de sacralidade e pureza está relacionada em todas as ocasiões, inclusive nos ritos e rituais realizados pela família de santo e pela Lôxa diariamente. Esses ritos devem cumprir uma etapa sequencial em que tudo deve ser respeitado como forma de preservar o sagrado. Os objetos do quarto de santo, por exemplo, só podem ser manipulados por pessoas que tenham o ‘corpo limpo’, ou seja, não tenham ingerido bebida alcoólica, drogas, ou mantido contato sexual. Esses objetos também remetem a uma sacralidade que pode ser equiparada à católica, uma vez que alguns objetos do peji são característicos do catolicismo, como imagens de santos católicos e crucifixos.

A pureza dentro deste contexto também está relacionada com a virgindade da Lôxa e de integrantes da casa. De acordo com a Mãe Pequena, o Pai da Costa é quem determina tudo que acontece no terreiro, inclusive a decisão de diferenciar a liderança masculina da feminina. Os dois primeiros líderes deste terreiro eram homens (Ti Henrique e Ti Herculano), ambos africanos e trazidos para o Brasil como escravos para trabalhar no plantio de cana de açúcar na região do Baixo Cotinguiba, em Laranjeiras, Sergipe. A estes homens, foi concedido pelo Pai da Costa o direito de casar e reproduzir-se. Após a morte do último Beg, somente mulheres assumiram a liderança do terreiro.

A primeira delas foi Umbelina de Araújo, a Dona Bilina, que assumiu o terreiro com pouco mais de 20 anos e permaneceu até a sua morte, nos anos 80. Após Dona Bilina, Dona Lurdes, mãe adotiva da atual Lôxa da casa, assumiu o bastão do terreiro e, com o seu falecimento, o Pai da Costa determinou que Bárbara, aos 16 anos na época, assumisse a casa. Nenhuma delas pode se casar ou ter contato sexual com qualquer pessoa. Para elas, aquela que tentar ousar desafiar a determinação do Pai da Costa terá consequências desastrosas.

Uma vez, uma Lôxa escolhida pelo nosso pai não quis o bastão, o nome dela era Dona Alaíde, ela passou o cargo para Dona Lurdes. Dona Alaíde não quis o cargo, mas não adiantou. Ela queria casar, queria viajar. Ela viajava de vez em quando, mas não nas épocas de festejo, e casar, nunca, porque continuou ajudando a Lôxa da casa, quase como uma Lôxa também. O destino de cada um é determinado pelas divindades, não adianta ir de encontro a isso (Dona Ciza, em entrevista a autora deste trabalho em 15 de dezembro de 2011)

A virgindade da Lôxa pode ser equiparada a castidade dos padres da Igreja católica, uma vez que para manusear os objetos do altar durante as cerimônias religiosas do catolicismo essa relação com o sagrado se manifesta de maneira clara, já que o padre também faz voto de castidade. Da mesma forma, somente a Lôxa e integrantes virgens do terreiro podem manusear os objetos considerados como sagrados dentro do terreiro.

A menina virgem pode fazer e pegar em qualquer coisa dentro do peji, o que uma mulher não virgem não pode, por causa do contato com homem, a mente que já não é mais pura, e a virgem não. Ela é intacta, pode pegar o bastão, o xale da Lôxa. Eu pego porque eu não tenho contato com homem há muito tempo, mas uma mulher não virgem não pode ajeitar o xale dela ou pegar os objetos do peji (Dona Ciza, em entrevista a autora deste trabalho em 15 de dezembro de 2011).

A forma de manuseio dos objetos não pode ter contato com impurezas. Para a família de santo, essa é uma forma de contágio, não se deve misturar o puro com o impuro, da mesma forma que uma Lôxa, para exercer o cargo, não deve ser contagiada pelas experiências denominadas por eles como impuras, mundanas.

Para Douglas (1976), o sagrado é perigoso, pois ele permite o acesso ao contágio, ou seja, para a autora, o sagrado é contagioso, transita entre o mundo religioso e o mundo material (real). Para os integrantes da família de santo Nagô, o contágio se dá pelo impuro, ele é o que representa o perigo, a forma de desvio de um processo ritual contínuo, e, portanto não pode entrar em contato com o puro, não há espaço para os dois num mesmo momento.

O puro e a virgindade dentro do terreiro estão exclusivamente vinculados ao feminino. As mulheres são classificadas inclusive pelas vestes nos dias de rituais. As mulheres virgens usam o pano solto envolto na cabeça, as mulheres não virgens devem deixar o pano preso, amarrado na cabeça. Além disso, em todo início de ritual é feita a roda das virgens, da qual somente as mulheres e homens virgens podem fazer parte, pois é uma forma de começar os trabalhos e as homenagens aos santos com a pureza, o sagrado.

Neste sentido, o uso da palavra gênero não deve ser atribuído somente ao sexo, uma vez que as relações de gênero perpassam essa atribuição biológica das diferenças entre homens e mulheres (SCOTT, 1995:12). A questão do gênero está atrelada às relações de poder, instituídas culturalmente a partir de fatores biológicos, mas não determinados somente por estes. E essa relação da virgindade com o feminino é uma forma de legitimação do poder da mulher que, além de ocupar cargos de suma importância dentro deste espaço, constitui maioria no terreiro e ainda é a grande responsável por recrutar as famílias e novos integrantes para a família de santo.

3.2 Tradição Nagô

Uma das características marcantes para a família de santo do terreiro Santa Bárbara Virgem é a legitimação dada pelos filhos de santo em se tratando da tradicionalidade da rotina ritualística da casa. A família de santo Nagô afirma que o terreiro mantém as raízes trazidas da África e, portanto pode ser considerada como uma casa tradicional por manter os costumes sem cruzar³⁶ com outras religiões, a exemplo de terreiros de candomblé que mesclam

³⁶Termo utilizado pelos filhos de santo para designar que há elementos de outras religiões presentes na casa.

elementos da umbanda em seus rituais. Para eles, portanto, a tradição significa diferenciação de outras casas, é um elemento que pode ser relacionado a um status de poder em que a tradição significa superioridade em relação a outros terreiros.

Apesar de a família de santo afirmar que a tradição é um elemento que está dissociado da mudança, de acordo com Hobsbawn (1997), as tradições podem ser inventadas com uma finalidade específica, nesse caso, como forma de legitimar o espaço como superior aos outros, e definida pelo autor como um conjunto de práticas reguladas por regras.

O que o autor procura pontuar é a diferença entre tradição e costume. Para Hobsbawn (1997:10), a tradição, seja ela inventada ou não, possui como característica primordial a invariabilidade, ou seja, as práticas exercidas são fixas e baseadas na repetição e o costume possui caráter flexível, pode ser modificado e adaptado até certo ponto, respeitando a sua compatibilidade com o passado.

Neste sentido, a repetição de elementos, regras e do processo ritual do terreiro Santa Bárbara Virgem pode ser caracterizado como uma justificativa para a repetição de um passado imposto pelos fundadores do terreiro como forma de manter uma estrutura que faz com que a casa seja diferenciada de outros locais. Se o processo ritualístico do terreiro não foi modificado ou adaptado é porque não houve a necessidade de criação e imposição de novas regras relacionadas à religião e a essa família de santo específica. De acordo com Segalen (2005:170), se o ritual é aceito e compartilhado, inclusive em situações lúdicas, somente quando é imposto existirá o distanciamento do outro e respeito pelas convenções.

Dentro deste contexto, o processo ritual desses cultos também constitui parte fundamental para a identificação desses elementos centrais (tradição e pureza) presentes no terreiro Santa Bárbara Virgem, apesar de que, segundo os integrantes existem rituais fixos anuais, e rituais não fixos anualmente dentro da rotina do terreiro. Turner (1994), ao analisar a sociedade como um processo ritual, acredita que os rituais servem para preencher necessidades não preenchidas no cotidiano através do equilíbrio entre estrutura e comunidade.

Partindo para o contexto religioso do terreiro Nagô, a liderança feminina e os rituais realizados em que a mulher detém papel majoritário são analisados enquanto necessidades de preenchimento de um espaço não alcançado para além da esfera religiosa, ao mesmo tempo em que essas mesmas funções estruturais do terreiro também são determinadas pelo sobrenatural e seguem uma hierarquia social dentro desta esfera religiosa. Segundo Durkheim (1968:23), as representações coletivas “são o produto de uma imensa cooperação que se

estende não apenas no espaço, mas no tempo”, definindo então as representações religiosas também como representações coletivas, uma vez que exprimem uma realidade coletiva, refletindo todos os aspectos de uma sociedade real.

Dentro desta esfera religiosa, segundo os integrantes do terreiro pesquisado, toda a gama de símbolos dos rituais Nagô possui características próprias e diferenciadas das outras religiões brasileiras cuja descendência seja africana, não só por manter a tradição de realizar os cultos e rituais da mesma forma como vieram trazidas da África no século XIX como também pelo fato de não misturar elementos de outras religiões ao Nagô. Porém, esses elementos que não são incorporados ao terreiro remetem-se sempre às religiões cuja herança é africana ou indígena. No caso de elementos da religião católica, a incorporação desses símbolos equiparados à Igreja é permitida.

Além disso, cada detalhe e símbolo do ritual apresentam indícios do respeito à hierarquização do terreiro, mesmo por parte dos homens mais velhos que participam da religião, a exemplo da obediência de todos os integrantes do terreiro, inclusive do integrante mais velho, Seu Zé Maria, que atualmente tem mais de 90 anos, e deve respeito e obediência a Lôxa do terreiro que tem somente 24 anos de idade. Segundo Turner (1967:30), os símbolos rituais podem condensar muitos significados em uma só forma, porém ele deve ser compreendido pela sociedade, ou não terá espaço dentro desta esfera. O símbolo dentro de um processo ritual tem a finalidade de indicar e se não indica nada aos atores sociais são irrelevantes.

Turner (1967:35) ainda afirma que os símbolos rituais se referem ao que é normativo, aos valores compartilhados de que depende a vida comunitária, ou seja, também dentro da esfera religiosa, o símbolo é uma força e influencia as ações dentro deste campo. No Nagô de Laranjeiras, os símbolos remetem a pureza e tradição, no sentido de que eles representam as raízes africanas trazidas para o Brasil, além de alguns deles assumirem um papel e um significado sacro diante da família de santo, podendo ser manipulados somente por quem ainda carrega a pureza física (neste caso, a virgindade para as mulheres).

Apesar de a tradição ser considerada um elemento diferenciador e legitimador desta religião pelo fato de não se incluir elementos de outras religiões a esta, em entrevista a Mãe Pequena da casa, Dona Ciza, percebeu-se a presença forte de elementos do catolicismo dentro do Nagô. De acordo com Dona Ciza:

Pelo que eu escuto desde menina, os objetos sagrados do peji³⁷ têm a ver com a Igreja católica porque os escravos negros não podiam entrar na Igreja, então eles fizeram com que cada objeto daqueles fosse representado por algo. Cada objeto tem um significado, uma representação, geralmente ligada à Igreja católica. Além disso, temos a Santa Bárbara, que é o nome dado ao nosso terreiro. Hoje ela não pertence mais a Igreja Católica, mas pertenceu, e tem uma representação muito forte para nós. E nós vamos à missa, somos bem recebidas, mas não comungamos porque não fizemos o catecismo completo, mas o resto a gente faz. A meninada aqui toda comunga. Eles nos recebem muito bem e não vemos problema algum em frequentar a Igreja (Dona Ciza, em entrevista a autora deste trabalho em 15 de dezembro de 2011).

A diferenciação da Igreja Católica para as outras religiões fica clara ao longo da entrevista, uma vez que a mistura e cruzamento com outras religiões que não a católica é considerada como impuro e desrespeito à tradição. A relação com a Igreja Católica é justificada no fato de que os negros (escravos) tiveram que recorrer a ela para realizar seus rituais, uma vez que não podiam fazer parte daquela religião, e para realizar seus rituais trazidos da África e o culto aos orixás, existiu a equiparação dos santos católicos a essas divindades.

De acordo com Prandi (2009), “*os seguidores dos orixás no Brasil, especialmente nos primeiros tempos, eram também católicos, e muitos rituais realizados no terreiro eram complementados por cerimônias atendidas na igreja*”. Por ser a religião católica a oficial e única tolerada no Brasil, o autor afirma que o candomblé seria como uma espécie de segundo culto para os negros no Brasil, uma vez que só poderia ser reconhecido como cidadão aquele que pertencesse à Igreja católica.

Para Bastide (1958), esse sincretismo não significa uma inclusão de elementos, e sim uma justaposição deles, ou seja, não se confunde entre si. O orixá brasileiro é diferente do orixá africano justamente por conta dessa relação inicial dos negros escravos com a Igreja católica, como a equiparação dos orixás aos santos católicos, por exemplo. No caso do terreiro Santa Bárbara Virgem, as duas divindades que têm a presença mais forte e regem a casa são Oyá (Iansã, que é equiparada a Santa Bárbara) e Xangô (equiparado a São Jerônimo), além da força suprema que rege o terreiro, denominado pela família de santo como Pai da Costa.

Xangô é o orixá do trovão, do governo e da justiça. Foi sincretizado com São Jerônimo, santo tradutor da Bíblia do hebraico e do grego para o latim, santo

também invocado para se pedir proteção contra os temporais. O poder sobre as intempéries fez de são Jerônimo Xangô e vice-versa. Iansã, uma das esposas de Xangô, divide com ele o patronato das tempestades e é cultuada como orixá do raio, além de ser o orixá responsável pela condução do espírito dos mortos ao outro mundo. Foi sincretizada com santa Bárbara, que também protege o homem do raio (PRANDI, p. 9, 2009)

Para tanto, no terreiro Santa Bárbara Virgem, apesar de ter integrantes de diversas gerações e com mais experiência de vivência religiosa do que a líder de terreiro e de ter Xangô e Oyá como “donos da casa”, quem rege as leis do terreiro é o Pai da Costa. A determinação do Pai da Costa, ou seja, a obrigação e determinação do divino é o que irá difundir e separar as funções e determinar o respeito e a hierarquização do terreiro seja ele liderado por homens ou mulheres. Segundo a Lôxa Bárbara Cristina, é o Pai da Costa que determina todo o funcionamento do terreiro e todas as suas regras, ela é somente a transmissora de suas determinações. Portanto, é ele também que determina que as mulheres (líderes) devem permanecer virgens (puras) para liderar o terreiro.

O processo ritual do terreiro Santa Bárbara Virgem, então, tem a função de legitimar a o sagrado e o puro, que estão intrinsecamente relacionados ao que foi determinado pela ancestralidade do grupo. De acordo com Dantas (1987), a pureza Nagô é uma categoria analítica, com o intuito de marcar diferenças e expressar rivalidades.

Desse modo o “nagô puro” extrapola a concepção do apego exclusivo a uma tradição religiosa africana, para enfrentar os desafios de continuar puro, mesmo incluindo elementos de outro sistema religioso, no caso o sistema religioso dominante. (DANTAS, 1987:124)

A continuidade de uma instituição cultural africana é conservada a partir da memória coletiva negra, tornando-se sinal de resistência, ao passo que guarda fidelidade às origens. Desse modo, a tradição e a pureza constituem símbolos de poder e resistência de uma herança que é legitimada até hoje pela Irmandade Santa Bárbara Virgem.

Considerações finais

O terreiro Santa Bárbara Virgem constitui-se historicamente como um dos mais respeitados e tradicionais terreiros de descendência africana no estado. A partir disso, a história do terreiro e a sua origem chamaram a atenção para o aprofundamento de questões que fazem parte da rotina ritualística do terreiro, especificamente questões acerca da influência da mulher enquanto maioria e líder dentro da família de santo e das famílias que participam da religião.

Para tratar do gênero na religião, buscou-se trabalhar com conceitos como gênero e suas implicações dentro desta, a partir da análise do comportamento e funções da mulher dentro da esfera religiosa elencada às relações de parentesco dentro da família de santo, como também na família biológica. Partindo para os elementos específicos deste trabalho, as observações e o trabalho de campo foram imprescindíveis para alcançar alguns resultados desta pesquisa, a exemplo da liderança feminina que é determinada não só por fatores ligados ao sobrenatural e à religião, mas que é socialmente construída e imposta de acordo com os preceitos da religião e com os orixás que regem a casa.

Para isso, buscou-se entrevistar a líder/Lôxa do terreiro Bárbara Cristina dos Santos e a mãe pequena/Iaquequerê, Dona Ciza, entre outros integrantes da família de santo, como forma de colher dados históricos e funcionais sobre a estrutura da casa, da religião e, principalmente, sobre a hierarquia e supremacia feminina neste espaço. Além das entrevistas, a observação dos ritos (somente os permitidos pela casa) e acompanhamento de alguns procedimentos que constituem a gama simbólica da religião Nagô foram de fundamental importância para a obtenção de dados e prosseguimento do trabalho.

Outra questão importante e que mereceu destaque neste trabalho é o conceito de pureza e tradição do ponto de vista dos integrantes do terreiro, em contrapartida ao conceito de pureza elaborado por autores como Mary Douglas e Claude Lévi-Strauss, por exemplo, que ajudou a compreender os motivos pelos quais o conceito de pureza ainda é confundido ou mesclado ao conceito de tradição. Para isto, pesquisa de Dantas (1988) foi retomada com o intuito de analisar a pureza nagô como elemento que constitui a essência da religião.

Neste trabalho, o intuito não é de discutir o que é puro ou não dentro das religiões afro-brasileiras, mas de retomar esse conceito para avançar nos estudos sobre o terreiro, uma vez que a noção de pureza que está sendo tratada aqui é a determinada e definida pelos integrantes do nagô. Por isso, a pureza e tradição são dois aspectos dos quais eles se utilizam

para diferenciá-los das outras casas de culto, e a definição destas duas modalidades por vezes confunde-se em meio à chamada preservação dos ritos dos nagôs africanos.

Além disso, foram abordadas também as relações de parentesco e como elas se configuram no ambiente religioso, visto que essas relações também influenciam no comportamento da mulher e na configuração do terreiro, uma vez que a maior parte dos filhos de santo pertence a uma ou mais famílias em comum. Essas relações ajudaram a analisar as funções da mulher dentro e fora da esfera religiosa, mas principalmente em como essas relações mantêm viva a herança religiosa que os antepassados africanos deixaram para estas famílias e para as três casas de santo que constituem a Irmandade Santa Bárbara Virgem.

A função da mulher enquanto detentora da força, do equilíbrio e mantenedora das tradições não é um elemento comum somente no nagô, mas também um elemento chave na configuração das famílias de santo do candomblé. Ao entrar nessa questão da diferenciação do Nagô, e nagô de candomblé, as similaridades entre o papel da mulher nestes dois contextos são várias. Portanto, o contraste de dados empíricos obtidos com as obras sobre o candomblé e a liderança feminina neste contexto religioso apresenta fundamental importância para a definição do papel da liderança feminina dentro de um terreiro que se autodenomina puro e com características que diferem e também se aproximam de outras religiões.

Segundo Bernardo (2003), cada casa tem a sua configuração, seus elementos, sua maneira de realizar as obrigações e rituais, e, no entanto, todas fazem parte de um mesmo universo simbólico, de um mesmo denominador comum: A África. A diferenciação entre esses grupos é na, verdade, uma maneira de que cada um desses grupos se firmem dentro deste universo religioso.

Partindo para esses elementos específicos deste trabalho, as observações e o trabalho de campo foram imprescindíveis para alcançar alguns resultados desta pesquisa, a exemplo da liderança feminina que é determinada não só por fatores ligados ao sobrenatural e à religião, mas que é socialmente construída e imposta de acordo com os preceitos da religião e com os orixás que regem a casa.

Por fim, a pesquisa buscou analisar a partir da pesquisa de campo e referencial teórico, de que forma o papel da mulher constitui uma liderança que legitima elementos considerados fundamentais para a continuidade da tradição religiosa e como a liderança feminina influencia o processo ritual desta casa de culto.

Com isso, este trabalho buscou ampliar os estudos sobre a atuação do gênero nas religiões africanas em Sergipe, analisando somente o terreiro Santa Bárbara Virgem, de modo que a análise dos detalhes e símbolos que compõem a estrutura da Irmandade possa contribuir

para a expansão dos estudos sobre gênero e religião no estado. Por conta do breve tempo para a realização desta pesquisa, alguns objetivos ainda precisam ser revistos, além de outras considerações que merecem destaque e que poderão ser acrescentadas a uma pesquisa posterior acerca deste tema de pesquisa ou de temas afins à questão do gênero e religião.

REFERÊNCIAS:

- BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas No Brasil. Contribuição A Uma Sociologia Das Interpenetrações De Civilizações**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1989.
- BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia, rito nagô**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- BEAUD S.; WEBER F. **Guia para a pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes, 2007. PP.118-136.
- BERNARDO, Teresinha. **Negras, mulheres e mães, lembranças de Olga de Alaketu**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- BERNARDO, Teresinha. O candomblé e o poder feminino In: **Revista Estudos da Religião**. 2005 , PP 1-21. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_bernardo.pdf
- BIRMAN, Patrícia. **Fazer estilo criando gêneros: possessão e diferenças de gênero em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRAGA, Júlio. **Ancestralidade afro-brasileira: o culto de babá egum**. Salvador:Edufba, 1995.
- . **Fuxico de candomblé**. Feira de Santana: UEFS, 1998.
- . **Na gamela do feitiço- repressão e resistência nos candomblés da Bahia**. Salvador: Edufba, 1995.
- CAPONE, Stefania. **A busca da África no candomblé, tradição e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Contra capa livraria/ Pallas, 2009.
- COHEN, Abner. Introduction: the lesson of ethnicity. In: **Urban Ethnicity**. A. Cohen (Ed), 1974, PP. 09-25.
- COMAROFF, Jean and John L. **Ethnicity, Inc**. Chicago: The University of Chicago Press, 2009.
- DANTAS, Beatriz Góis. **A Taieira de Sergipe: Pesquisa exaustiva sobre uma dança tradicional do Nordeste**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- DANTAS, Beatriz Góis. Pureza e poder no mundo dos candomblés. In: **Candomblé, desvendando identidades**. MOURA, Carlos Eugênio M. de. (org). São Paulo: Emw editores, 1987. PP. 121-127.
- DANTAS, Beatriz Góis. Parentesco de sangre y herencia de los “santos” en el culto Xangó . In: **Revista Montalban**, numero 22. Caracas: Universidad Católica Andrés Bello, 1990. PP. 137-145.

- DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó Nagô e Papai Branco: Usos e abusos da África no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo – Ensaio sobre as noções de poluição e tabu**. Lisboa: Edições 70, 1976.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: Edusp, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GASKELL, George. “Entrevistas Individuais e Grupais”. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som - Um manual prático**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JOAQUIM, Maria Salete. **O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- LANDES, Ruth. **A Cidade das Mulheres**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1967.
- LÉPINE, Claude. Análise formal do panteão nagô. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **Culto aos orixás**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011. PP. 21- 78.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes. 1976.
- LIMA, Vivaldo da Costa. **A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupais**. Salvador: Corrupio, 2003.
- LIMA, Vivaldo da Costa. Organização do grupo de candomblé. Estratificação, senioridade e hierarquia. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **Culto aos orixás**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011. PP. 79-132.
- LIMA, Vivaldo da Costa. **Lessé Orixá: Nos pés do santo**. Salvador: Corrupio:2010. PP.:139-182.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. In: Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1988. PP.267-303

- PECHÊUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. In: **Revista História**. São Paulo: Editora UNESP, 2005, vol. 24. PP. 77-98
- POUTIGNAT, Philippe, STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade/ Grupos étnicos e suas fronteiras**, de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.
- PRANDI, J. Reginaldo. **Herdeiras do axé: Sociologia das religiões afro-brasileiras**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- PRANDI, J. Reginaldo. **Os Candomblés de São Paulo. A Velha Magia na Metrópole**. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1991.
- PRANDI, J. Reginaldo. **O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso**. In: **Estudos avançados**. São Paulo, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300015. Acesso em 28 de setembro de 2011.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e cultura – A experiência cultural na era da informação**. Lisboa: Presença, 1994.
- RIBEIRO, Hugo Leonardo. **As taieiras**. São Cristóvão: UFS, 2008.
- RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1986
- SCHWARZ, Fernando. **Mitos, ritos, símbolos. Antropología de lo sagrado**. Buenos Aires: Biblos, 2008, 159 pp.
- SCOTT, Joan W. **A cidadã paradoxal - as feministas francesas e os direitos do homem**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.
- SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In Educação e Realidade, Porto Alegre, 16(2):5-22, jul/dez. 1990.
- SEGALEN, Martine. **Ritos y rituales contemporáneos**. Madrid: Alianza Editorial, 2005
- SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda – caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2005.
- SOGBOSSI, Hippolyte Brice. **Contribuição ao estudo da cosmologia e do ritual entre os jêje o Brasil: Bahia e Maranhão**. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional. Rio de Janeiro: 2004.
- THEODORO, Helena. **Mito e espiritualidade – mulheres negras**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 1986. 214 pp.

THIOLLENT, Michel J. M.. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1980. PP. 191-211.

TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.

-----, -----. **The anthropology of performance**. New York: PAJ Publications, 1987.

-----, -----. **La selva de los símbolos: Aspectos del ritual Ndembu**. Madrid: Siglo, 2008.

VANGENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

Apêndice I

Roteiro da entrevista realizada em 02/04/2011 com a pedagoga e Alôxa do terreiro Santa Bárbara Virgem, Bárbara Cristina dos Santos.

1. Qual o seu nome completo, e quantos anos você tem?
2. Você estudou? Qual o nível de escolaridade?
3. Qual a sua função no terreiro Santa Bárbara Virgem?
4. Quando e como surgiu o terreiro Santa Bárbara Virgem?
5. Quantos anos você tinha na época que você assumiu o nagô? Como isso aconteceu?
6. Ser Lôxa é algo que requer muita responsabilidade dentro da religião nagô. Quando você foi a escolhida, qual foi a sua reação, você aceitou ser Lôxa de prontidão?
7. Quantos integrantes a casa possui atualmente? Você sabe o número exato de homens, mulheres e crianças?
8. Todos podem participar da Irmandade, ou há critérios específicos para ser aceito no terreiro? Quais são esses critérios?
9. Quantas famílias participam da Irmandade?
10. Você falou que para ser batizado no nagô tem que ser batizado na Igreja católica, por quê?
11. Por que o nagô tem essa ligação com a Igreja católica? Qual a relação que o terreiro tem com a Igreja atualmente?
12. Vocês têm uma ligação com a Igreja, mas esta não reconhece a homossexualidade em sua religião. O terreiro aceita homossexuais?
13. O terreiro tem essa ligação com outras casas religiosas?
14. Na época de Bilina, ela não tinha uma boa relação com Alexandre (do terreiro Filhos de Obá), como está essa relação hoje com os terreiros de candomblé e umbanda de Laranjeiras?
15. Mas vocês frequentam os rituais de lá e eles os daqui?
16. Você afirma que o nagô do terreiro Santa Bárbara Virgem é puro, por quê? O que o difere dos outros terreiros?
17. Vamos falar um pouco sobre os rituais, o terreiro tem um calendário fixo de festejos e rituais?

18. O terreiro realiza trabalhos para os seus filhos de santo? Que tipo de trabalho?
19. Há sacrifício de animais?
20. Qualquer pessoa pode solicitar a ajuda do terreiro? Quais os dias específicos que vocês atendem essas pessoas necessitadas de ajuda?
21. Vocês cobram pelos trabalhos realizados? E como a casa se mantém?
22. Em relação a questão do gênero, somente as mulheres recebem os orixás ou os homens também podem incorporá-los e cuidar deles?
23. Como funciona a hierarquia do terreiro? Quais são os papéis designados aos filhos de santo?
24. As mulheres que participam do terreiro também ocupam papéis de liderança fora do terreiro, em seus empregos, ou em suas casas?
25. O compromisso de uma Lôxa dura quanto tempo? Quais as suas obrigações dentro e fora dos rituais e festejos do terreiro?
26. A Irmandade teve inicialmente um homem no comando, e depois de sua morte, somente mulheres assumiram o terreiro, o que difere uma Lôxa de um Beg (versão masculina para pai de santo)?

Apêndice II

Roteiro de entrevista realizada em 02/04/2011 com Maria do Espírito Santo Franco Costa, conhecida como Dona Ciza, Iaquequerê do terreiro Santa Bárbara Virgem.

1. Qual o seu nome completo, e há quanto tempo você faz parte da religião nagô?
2. Como e quando foi essa passagem pelo candomblé?
3. Por que não freqüentou alguma religião quando foi embora para o Rio de Janeiro?
4. Como você se manteve por lá? E por que você voltou a Laranjeiras?
5. Seus filhos também freqüentam o nagô?
6. Foi bem aceita ao voltar? Como era a sua relação com as antigas Lôxas?
7. E como é a sua relação com Bárbara?
8. Como você foi escolhida para a sua função de mãe pequena?
9. Quais as suas obrigações no terreiro?
10. E as vestimentas continuam as mesmas? Assim como os festejos?
11. Todos participam dos rituais e festejos?
12. Essa casa que vocês moram era de Dona Bilina, e agora é de Bárbara, ela permanecerá sempre sendo das Lôxas que assumirem?
13. O seu compromisso com a religião também é para a vida toda?
14. Já houve algum caso dentro do terreiro de um filho de santo, já batizado, desistir da religião, abandoná-la?

Apêndice III

Roteiro de entrevista realizada em 15/12/2011 com Dona Ciza, e com a Lôxa Bárbara Cristina

- 1- A virgindade é um elemento que pode ser considerado como diferenciador dos outros terreiros?
- 2- A pureza e a virgindade podem ser analisadas como sinônimos quando se trata da liderança feminina?
- 3- Qual é a diferença dos filhos de santo que são virgens para os não virgens? Tem alguma diferença de função dentro do terreiro, por exemplo, as funções são diferenciadas de acordo com esse status?
- 4- O que acontece quando uma das virgens deixa essa condição?
- 5- Então elas não podem mais pegar nos objetos? Por quê?
- 6- E que funções elas passam a exercer dentro da casa então?
- 7- Já aconteceu de uma Lôxa tentar ir de encontro a essa regra?
- 8- Mas se a Lôxa quiser casar, por exemplo, ela nunca conseguiria? Não há exceção?
- 9- Por que essa diferença entre homens e mulheres dentro do terreiro, no sentido de manter a pureza, pois os homens (os dois primeiros begs) puderam constituir família, e as mulheres não podem?
- 10- Essa pureza tem ligação com a pureza da Igreja católica, em que os padres (líderes) também devem fazer voto de castidade?
- 11- Essa questão da virgindade é exclusiva só para mulheres, ou os homens também tem que seguir as mesmas regras, enquanto filhos de santo?
- 12- Por que vocês acham que esse contato sexual pode prejudicar a liderança da casa?
- 13- Vocês tem uma presença forte do catolicismo, a questão da castidade, o nome do terreiro...Por que ainda preservam esses elementos?

Apêndice IV

Roteiro de entrevista realizada em 29/12/2012 com Seu José Maria de Jesus, patrão e ogan mais velho do terreiro Santa Bárbara Virgem.

- 1- Quantos anos o senhor tinha quando passou a participar do Nagô?
- 2- O senhor conheceu e conviveu com Dona Bilina?
- 3- E como era sua relação com Dona Lurdes?
- 4- O senhor freqüentava os rituais sempre, desde a época de Bilina?
- 5- Como o senhor se tornou patrão do Nagô?
- 6- Há quanto tempo o senhor exerce essa função?
- 7- E como é ser o patrão da casa?
- 8- O senhor tem que estar sempre lá então?
- 9- Como é sua relação com Bárbara?
- 10- O senhor acha que a mulher faz melhor o papel de líder do que o homem?
- 11- O senhor também é o responsável pelo sacrifício?
- 12- Sua família faz parte do Nagô?
- 13- Sua mulher também fazia parte do Nagô?
- 14- O senhor freqüentou ou freqüenta outra religião além do Nagô?
- 15- Mas e terreiro, o senhor freqüentou outros?
- 16- Desde sempre o senhor exercia a função de tocar?
- 17- O senhor entrava em transe?
- 18- Já teve alguma obrigação que o senhor deixou de fazer e depois foi cobrado por isso?
- 19- Mas as mulheres cumprem bem o papel delas no terreiro?
- 20- O senhor fica cansado quando tem os rituais?
- 21- Tem muita gente jovem no terreiro?
- 22- E o que o senhor acha disso?
- 23- Os homens se incomodam porque as mulheres ocupam cargos mais altos?
- 24- O senhor concordou que fosse Bárbara a Lôxa?
- 25- Como o senhor veio parar em Laranjeiras?
- 26- E como o senhor avalia o Nagô agora?

Apêndice V

Roteiro de entrevista realizada em 29/12/2012 com Deolinda Maria de Jesus, filha de Seu Zé Maria e integrante do Nagô.

- 1- Há quanto tempo você participa do Nagô?
- 2- Qual a sua função na casa?
- 3- Você chegou a acompanhar a época de Dona Bilina?
- 4- Como foi essa época?
- 5- E a época de Dona Lurdes?
- 6- Você fez parte das Taieiras?
- 7- Você é rodante?
- 8- Como está sendo essa época com Bárbara?
- 9- Você acha importante preservar a tradição?
- 10- Os homens respeitam as mulheres da casa?
- 11- Como vocês seguem os preceitos dos rituais? Tem resguardo para cada ritual?
- 12- Por que é importante agir dessa forma?

Apêndice VI

Roteiro de entrevista realizada em 04/03/2012 com o filho de santo Revertton

Lima Cardoso, de 18 anos.

- 1- Há quanto tempo você faz parte da Irmandade?
- 2- Como você se aproximou do Nagô?
- 3- Por que quis fazer parte como filho de santo?
- 4- Você tem algum parente que faz parte da Irmandade?
- 5- Sua família aceita que você faça parte do Nagô?
- 6- Por quê?
- 7- Qual a sua função na Irmandade?
- 8- Eu percebo que você sempre puxa os cantos. Como você aprendeu?
- 9- Quem te trouxe para os festejos?
- 10- Você freqüentava outro local, alguma religião antes do Nagô?
- 11- E o que você acha de ter uma mulher a frente do terreiro?
- 12- Você acha interessante preservar a pureza?
- 13- Como é o seu relacionamento com a família de santo?
- 14- Como você decidiu que essa era a sua casa?
- 15- Como é o seu relacionamento com Bárbara?

Apêndice VII

Roteiro de entrevista realizada em 04/03/2012 com a equede Karla Adrielly Silva dos Santos, de 15 anos.

- 1- Há quanto tempo você frequenta o Nagô?
- 2- Você já é iniciada?
- 3- Qual a sua função na casa?
- 4- E o que você acha dessa função? Como você se sente?
- 5- E por que você quis entrar no Nagô?
- 6- Mas isso é uma coisa de família, não? Sua mãe e avó participam do ritual também...
- 7- Os homens da família também participam?
- 8- Como é para você poder ajudar Bárbara?
- 9- Só você pode pegar os objetos do quarto de santo?
- 10- E além disso, o que mais você faz na casa?
- 11- Você acha que as mulheres devem manter a pureza para tocar nos objetos do santo?
- 12- Você vai a todos os rituais?
- 13- Você chegou a acompanhar o Nagô com outra líder além de Bárbara?
- 14- Você acha que ela conduz bem o terreiro?
- 15- Como é a sua relação com ela? E com a família de santo?

ANEXO I (As Taieiras na época de Bilina)



Fotografia extraída do livro “A Taieira de Sergipe”, de Beatriz Góis Dantas

APÊNDICE VIII – Configuração atual das Taieiras



Fotografia tirada pela autora no dia nove de janeiro de 2009, no XXXIV Encontro Cultural de Laranjeiras

ANEXO II (coroação das rainhas das Taieiras há aproximadamente 30 anos)



Rainha das Taieiras sendo coroada na época de Bilina, fotografia extraída do livro “A Taieira de Sergipe”.

APÊNDICE IX – Coroação da Rainha das Taieiras em 2009



Rainha das Taieiras sendo coroada na Festa de Reis deste ano, fotografia tirada pela autora, no dia 11 de janeiro, na Igreja de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário

APÊNDICE X (cultos públicos no terreiro Santa Bárbara Virgem)



Abertura do festejo do corte do inhame em 19 de setembro de 2010. Fotografia tirada pela autora deste trabalho



Ciclo ritual do festejo de Iansã, em 6 de março de 2011. Fotografia tirada pela autora deste trabalho.

APÊNDICE XI – estrutura do ritual – homens e mulheres sentam em locais separados.



Fotografias tiradas pela autora deste trabalho em 06 de março de 2011, durante o festejo de Iansã. Os homens se colocam à esquerda do barracão e as mulheres à direita.